

16 DE MARÇO DE 2008

## "De cabeça baixa"



Costumo dizer, brincando, que escrever um livro é até fácil (não é não, claro), o complicado, o difícil, é lançá-lo. É definir local e forma de lançamento, preparar a lista de convidados (e tome de catar e transcrever endereços completos - com CEP! - de amigos, parentes, conhecidos), combinar com a editora como fazer a divulgação. Depois, ainda torcer para que o livro, mais um na atual incrível avalanche de lançamentos, não seja apenas mais um. Que ele consiga colocar o pescoço pra fora, seja lido, comentado e, se possível, elogiado.

Isso tudo num mercado voraz, de muitas editoras, poucas livrarias e raros leitores. Os livros deixam de ser novidade em muito pouco tempo, são submetidos a um revezamento quase cruel nos espaços mais nobres nas livrarias. Ficam ali expostos por duas, três semanas - e, se não venderem bem, passam rapidinho para o anônimo das estantes. Isso, muitas vezes antes de a primeira resenha ser publicada.

Enfim, na luta, vale buscar formas alternativas de se buscar alguma divulgação para algo tão particular quanto um livro. E o novo amigo Flávio Izhaki, conseguiu armar um esquema bem interessante para trabalhar seu primeiro romance, "De cabeça baixa" (editora Guarda-chuva). Fez um blog só para o livro - blog - e ainda produziu um trailer (isso mesmo, como no caso de filmes). O trailer, bem legal, pode ser visto lá no blog.

O engraçado é que o Flávio, além de cuidar do seu próprio rebento, ainda tem que ninar livros alheios, como o meu próximo - ele trabalha na editora Record. Em comum, temos a mesma capista, a ótima Mariana Newlands. Ah, o livro do Flávio será lançado no próximo dia 25, na Argumento, aqui no Rio.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 14:10 0 COMENTÁRIOS  

14 DE MARÇO DE 2008

## Chinelos de marca

*Maria Augusta conta que, durante a produção, um menino lhe pediu R\$ 50 para comprar um "chinelo de marca". "Perguntei por que queria tanto aquele,*

*e ele retrucou: 'A gente não tem nada, vive numa favela, nem isso pode ter?'. Há, portanto, a percepção da injustiça social. Só que ao mesmo tempo eles compram a imagem do outro, o sonho que jamais poderão realizar", salienta.*

O trecho aí de cima foi tirado de matéria do amigo Marcelo Moutinho ([www.marcelomoutinho.com.br](http://www.marcelomoutinho.com.br)) sobre o documentário "Juízo", de Maria Augusta Ramos. Bem legal a reflexão que ela faz - meninos pobres tentam "comprar a imagem do outro". Sabem que não serão como eles, como os ricos, os maurícios. Mas podem fingir que são um deles.

O texto no blog do Moutinho foi colocado no mesmo dia em que a *Folha* e o *Estadão* abriram espaços para mostrar a incompetência do sistema público de ensino de São Paulo, o estado mais rico da federação. Os números são assustadores, reforçam o que se sabia: a maioria daquelas escolas cumpre mais ou menos o papel do tal "chinelo de marca". Elas apenas vendem a imagem de que são escolas: o diploma de ensino médio de uma delas atesta o mesmo que um outro, de uma das escolas da elite paulista. Na prática sabemos que não é assim.

Mas o que importa é a aparência: um diploma que finge ser um diploma igual ao diploma dos ricos. Um fingimento que rouba sonhos, impede que a esperança prospere. Pra que estudar se este estudo não vai permitir um acesso a uma vida melhor? Então, vamos todos fingir: o Estado dá uma educação fingida, que é coroada com um diploma que não é diploma. Algo que não vai permitir ao formando elementos para tentar ser um "outro". Que ele se contente então em fingir que é um outro, com o tal par de chinelos de marca. Isso, numa sociedade consumista como a nossa, tende a não dar certo. Já não está dando, né?

Lembrei de uma outra história, ocorrida na casa de um outro amigo: uma empregada doméstica tentava convencer o filho adolescente a desistir de um pedido, um par de tênis de R\$ 300/400. Lembrou que os filhos de seus patrões usavam tênis bem mais baratos, de R\$ 100/120. O garoto respondeu algo como: "Pois é, mãe. Mas ninguém vai achar que os filhos do seu patrão são pobres, eles não precisam dos tênis caros."

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 22:24 1 COMENTÁRIOS  

12 DE MARÇO DE 2008

"Juno" - onde os homens não têm vez





"Juno" é um filme bonito, sensível, emocionante. O roteiro, vencedor do Oscar, foi escrito por uma mulher (Diablo Cody), o que ajuda a entender a delicada abordagem do tema e, principalmente, o ponto de vista feminino da história - uma jovem, Juno (Ellen Page), de 16 anos, que engravida e decide entregar o bebê para adoção. Os diálogos são inteligentes, ágeis; as soluções dramáticas fogem do previsível. Tudo colabora para enaltecer a lógica de Juno, uma garota encantadora, inteligente, decidida, nada óbvia. Até aí, ótimo. Se eu fosse adolescente seria capaz de me apaixonar por aquela menina.

Mas, horas depois de ver o filme, saquei algo meio incômodo. Para enaltecer Juno, o filme arrasa com os homens. Desde o início fica claro que a transa com um colega de turma que originou a gravidez foi iniciativa de Juno; é ela que decide abortar - vai sozinha para a clínica -, é ela que desiste de interromper a gravidez. É a super e bem-resolvida Juno que decide entregar o bebê para adoção, é ela que toma todas as decisões - inclusive as relacionadas com uma eventual retomada do namoro com Bleeker (Michael Cera). Este, não apita nada, não reclama de nenhuma decisão da moça, não demonstra o menor interesse no futuro do filho que, apesar de estar provisoriamente abrigado no corpo de Juno, é também dele: contribuiu, afinal, com 50% daquela empreitada. O lourinho boa gente só sabe correr, comer balinhas e, claro, por uma única vez, a Juno. Parece até que mandou bem, mas esta é outra história.

Mark (Jason Bateman), o homem do casal escolhido para ficar com o bebê, revela-se outro portador de grandes nádegas. Um sujeito dominado pela mulher que, ao conhecer Juno, tem uma espécie de recaída adolescente e passa a lamentar a vida que deixou de ter. E, ainda por cima, vacila num momento-chave do filme, demonstrando insegurança na hora de dar um grande passo do casal. A mulher dele, Vanessa (Jennifer Garner) revela-se mais, digamos, adulta. Já o pai da Juno é um bom sujeito, um cara que sabe segurar a onda da filha, cumpre o papel esperado na trama do filme. Em "Juno", homem legal é o que não passa de um coadjuvante, "escada" para as aventuras do personagem principal. Como o pai e, de certa forma, Bleeker.

No fim das contas, lembrei ter lido há pouco tempo que cientistas britânicos afirmaram ter criado espermatozoides a partir de células-tronco da medula óssea feminina. Ou seja, se o negócio vingar, nem pra isso serviremos mais. Pelo visto - e, moças, por favor, compreendam o machismo final apenas como um uivo ressentido de quem se vê meio sem perspectivas no futuro - só serviremos mesmo para manobrar carros. Isso, enquanto não vierem aqueles que têm movimentos nas rodas traseiras, que transformam o estacionar numa brincadeira de crianças.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:52 13 COMENTÁRIOS  

10 DE MARÇO DE 2008

## Páginas amarelas

O Globo, 20/10/1991

### O balão de quem manda

*FERNANDO MOLICA*

Passava das 23 horas do último domingo quando começou o espocar de fogos e tiros. No céu, o motivo da festa: um balão que trazia dependurada a inscrição "Da 12". Da 12, Gilson da 12, varejista de drogas, dono dos morros do Andaraí e Divinéia, morto pela Polícia Federal há dois meses. Morreu na Baixada, foi velado no morro do Andaraí, na quadra do bloco Flor da Mina. Os jornalistas - a exemplo do que ocorre em velórios de algumas celebridades - não puderam entrar.

O comércio da área foi obrigado a fechar, numa manifestação de luto compulsório. No dia seguinte, outra manifestação de poder: crianças do morro foram colocadas à frente do cortejo para impedir fotos dos sócios de Gilson da 12. Não havia como evitar a presença de fotógrafos no enterro.

Tento fotografar o balão que leva a homenagem. Depois, corro para a câmara de vídeo, que, emprestada, passava uns dias lá em casa. O balão já está muito longe. Vou para a TV conferir o resultado. A fita mostra apenas um OVNI, um objeto voador não-identificado, cercado de riscos coloridos. Mas ficaram gravados os fogos, os tiros e os clarões que continuavam a surgir por entre as luzes do morro.

As imagens lembram outras, igualmente precárias, meio indefinidas e assustadoras. Aquelas, dos mísseis que cruzavam os céus do Iraque, Israel e Arábia Saudita durante a Guerra do Golfo. Novos estampidos fazem contraponto à minha CNN privé. Aqui, a guerra continua. Já estou, de novo, pra cá de Bagdá. De volta ao Grajaú.

Entro no quarto de meus filhos e, como dissera pela manhã Lisa Simpson (aquela de "Os Simpsons"), sinto um "arrepio ético". E se, o mais velho, de 4 anos, tivesse acordado e me perguntado o motivo da barulheira? Será que eu diria um "nada não, só uma festa para um bandido que morava aqui perto"? Ou será que teria mentido (algo como "mais uma festa pelo Dia das Crianças")?

Bem, ele não acordou. As varandas e janelas que me cercam já retornaram para seus domingos. Quem não decifrou o enigma do "Da 12" deve estar até aliviado - foi só um balão, nada comparável com os tiroteios que costumam varar madrugadas.

Melhor também para os do morro - não houve troca de tiros, apenas uma barulheira danada que durou uns dez minutos. As crianças de lá devem ter acordado - as de 4 anos ou mais certamente já sabem quem foi Gilson, conviveram com ele. Muitas podem até ter trabalhado para ele. Todas devem ter ficado fascinadas com o espetáculo do balão.

Apesar das deficiências do ensino brasileiro, elas não devem ter tido nenhuma dificuldade para decifrar o "Da 12".

Essas crianças também devem saber quem é o número da vez. A numerologia de subsistência deve ser aprendida com presteza: ao contrário dos grandes atacadistas das drogas, estes, digamos, franqueados, costumam ter vida curta. Gilson morreu com 27 anos.

O território de Gilson da 12 era por ele mesmo chamado de "Cidade sem lei". A expressão revela orgulho, mas, ao mesmo tempo, apresenta um erro no diagnóstico. Existem leis por lá. Só que são outras, diferentes das que, pelo menos em tese, vigoram fora dos limites daqueles morros. Leis criadas sem necessidade de uma Constituinte, bastante claras e duradouras: resistem melhor à mudança de xerifes que as leis brasileiras às trocas de presidentes. Não é preciso sequer uma emendinha para modificar algo tão simples como um "quem manda aqui sou eu".

Enfim, foi só o barulho. Afronta por afronta, soltar balões também é ilegal. Mesmo que não homenageiem traficantes. Nada de muito grave, de anormal. Como os seqüestros, os assassinatos, os roubos de carros, cabelos, tênis, mochilas e cestas básicas. Como o extermínio de crianças e jovens. Há anos que dormimos com barulhos como esses.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 13:46 0 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: PÁGINAS AMARELAS

## Resposta

*Tu és time de fanfarrão,  
Ganha metendo a mão.  
Que papelão...  
Eu nunca me calarei,  
Onde estiver gritarei,  
Pega ladrão.*

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:40 3 COMENTÁRIOS  

7 DE MARÇO DE 2008

## Exportação de gente

O Itamaraty está certo ao partir para a retaliação no caso dos brasileiros barrados em Madri. É do jogo globalizado, um jogo esquisito que propõe a abertura de fronteiras para produtos e seu fechamento para seres humanos. Um jogo cruel e injusto, especialmente para países, como os das Américas, que receberam tantos e tantos italianos, portugueses, japoneses, alemães, espanhóis. Na época, eles é que precisavam sair de seus países em busca de uma vida melhor.

Mas, sei lá, dói o coração ver incontáveis brasileiros sendo obrigados a sair do país. É claro que o rigor nas fronteiras e nos aeroportos é diretamente proporcional ao aumento dos brazucas clandestinos no primeiro mundo (Ana Beatriz Marin publicou um post interessante em <http://oglobo.globo.com/blogs/barcelona/>). Lembro que há uns quatro anos li, em *O Globo*, a carta de um italiano escrita logo depois dele levar o neto ao aeroporto. O rapaz acabara de partir para a Europa, ia tentar a vida por lá. Fazia o percurso inverso do avô. A carta era triste, muito triste. Acho que cada um tem o direito de tentar a vida em qualquer lugar, por qualquer motivo. Mas dá pena ver tanta gente indo embora. Não gosto de ver o Brasil como exportador de gente: dentistas, putas, jogadores de futebol, cientistas, tanto faz. Era melhor quando recebíamos os imigrantes - sinal de que o sonho era viável por aqui.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 18:35 0 COMENTÁRIOS    
Postagens mais antigas

Assinar: Postagens (Atom)

6 DE MARÇO DE 2008

## Retaliação

Pra equilibrar o jogo com a Espanha, que insiste em barrar brasileiros, que tal devolvermos o Chico Recarey e aqueles espanhóis donos do Bateau Mouche? Vingança, vingança!

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 14:32 0 COMENTÁRIOS  

5 DE MARÇO DE 2008

## A Varig e o peru do Di Cavalcanti

O quadro que ilustra este post, de autoria do Di Cavalcanti, fazia parte do acervo da antiga Varig e acabou sendo leiloado para pagar parte das dívidas da empresa. A Varig, em seus tempos áureos, tinha pedido ao Di para pintar um quadro para decorar sua loja em Lima, algo que tivesse elementos locais. O Di mandou o quadro com duas baianas em Salvador. O cara da Varig achou bonito, interessante, mas... e a chamada cor local, a referência ao Peru? O pintor então resolveu o problema. "Ah, é isso que vocês querem?" - perguntou.



Pegou o quadro, armou-se com pincel e tintas, e pintou um peru logo abaixo das baianas.



POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 21:22 0 COMENTÁRIOS  

## A Varig e o Roberto Campos

O ex-deputado Roberto Campos - que, pelo menos, tinha bom humor -, dizia que o Brasil era um país tão esquisito que, enquanto o comunismo definhava no mundo inteiro, por aqui havia três partidos comunistas (hoje são apenas dois). Não faz muito tempo, a Varig estava para acabar, ficou um tempão na UTI. Mas foi vendida, e, depois, revendida para a Gol. E, agora, a velha Varig - a que ficou com as dívidas -vai renascer, com o nome meio esquisito de Flex. Uma empresa modesta, que vai começar apenas com um avião. Mas vai voltar. Ou seja, tudo indicava que não haveria mais nenhuma Varig, mas haverá duas. Imagina a confusão pra explicar isso tudo pros credores lá fora. Vida longa para as duas.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 21:13 0 COMENTÁRIOS  

3 DE MARÇO DE 2008

## O menino no sinal

A cena foi talvez lírica, talvez mais uma simples demonstração de miséria - ou as duas coisas, sei lá. Ocorreu na semana passada, no sinal que dá acesso à Radial Oeste, ali bem perto da UERJ. Um menino de dez anos - ou onze, ou doze, ou treze -, magro, sujo, descalço, esperou o sinal fechar para colocar-se diante da fila de carros. Em seguida, ensaiou o gesto de quem iria começar a fazer malabarismos com bolinhas de tênis. E iniciou a apresentação. Até aí,

nada demais. O curioso é que não havia bolas. O menino mantinha o olhar no alto, movimentava alternadamente os braços, procurava equilibrar as bolinhas virtuais. Fazia isso muito sério: não sorria, não brincava com a situação um tanto quanto inusitada que promovia naquele início da tarde. Em troca do espetáculo, recebeu moedas tão virtuais quanto as suas bolinhas de tênis. Ninguém lhe estendeu um trocado sequer. Sinal aberto, ele sentou-se no canteiro com o mesmo ar triste. Eu já engatava uma segunda no momento em que passei por ele, pelo garoto que, ao protagonizar um espetáculo um tanto quanto patético, conseguiu ao menos chamar minha atenção para algo que já se tornou rotina: a presença de meninas e meninos, em horário escolar, pedindo dinheiro nos sinais. Ao engatar a terceira, lembrei o quanto isso é absurdo.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 13:25 0 COMENTÁRIOS  

1 DE MARÇO DE 2008

## Parabéns pra você



Berço do samba e das lindas canções  
Que vivem n'alma da gente  
És o altar dos nossos corações  
Que cantam alegremente  
(*Cidade Maravilhosa*, André Filho)

Minha alma canta  
Vejo o Rio de Janeiro  
(*Samba do avião*, Tom Jobim)

Rio de Janeiro, gosto de você  
Gosto de quem gosta  
Deste céu, deste mar, desta gente feliz  
(*Valsa de uma cidade*, Antônio Maria e Ismael Neto)

O Rio de Janeiro continua lindo



O Rio de Janeiro continua sendo  
(*Aquele abraço*, Gilberto Gil)

Rio 40 graus  
Cidade maravilha  
Purgatório da beleza  
E do caos...  
(*Rio 40 graus*, Fernanda Abreu)

O poente na espinha  
Das tuas montanhas  
Quase arromba a retina  
De quem vê  
(*Carioca*, Chico Buarque)

Brasil!  
Tira as flechas do peito do meu Padroeiro  
Que São Sebastião do Rio de Janeiro  
Ainda pode se salvar!  
(*Saudades da Guanabara*, Moacyr Luz, Aldir Blanc e Paulo César Pinheiro)

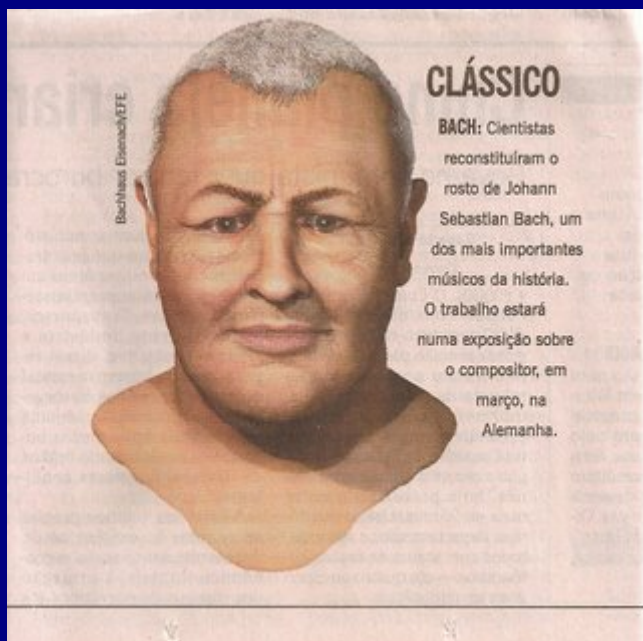
Cidade maravilhosa  
Cheia de encantos mil  
Cidade maravilhosa  
Coração do meu Brasil

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 16:50 0 COMENTÁRIOS  

29 DE FEVEREIRO DE 2008

## O Cid é alemão!

Cientistas torraram uma grana e passaram horas e horas diante de computadores para reconstituir o rosto de Johann Sebastian Bach. Tudo isso para concluir que o genial compositor era a cara do Cid Benjamin.



POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 09:30 4 COMENTÁRIOS  

## Palavra de cardiologista

*O amigo, botafoguense e grande cardiologista Marcelo Assad me mandou o texto abaixo, que também aborda o comportamento do Souza, atacante do Flamengo. Por falar nisso, boa a atitude do Kléber Leite, vice de futebol do Flamengo, de ligar para o Bebeto de Freitas, presidente do Botafogo. É hora de baixar a bola e impedir que a tensão - agravada pelo gesto irresponsável do Souza - complique ainda mais a relação entre as duas torcidas. Sensatez nunca é demais, né?*

*Por via das dúvidas, acho que vou passar a ficar ao lado do Marcelo nos jogos do Botafogo. Pode ser útil ter um cardiologista por perto...*

A cena patética e infeliz estampada na primeira página do Globo, retrata a irresponsabilidade, ausência de profissionalismo e respeito, de um pseudo "profissional" da arte da bola. Não podemos esperar que o Souza tenha a percepção e a sensibilidade para captar as consequências de sua grosseira e infantil atitude, muito própria dos campos de várzea ou do aterro do Flamengo. Esperamos que pessoas ligadas ao Flamengo, portadoras de maior discernimento e entendimento, possam orientar este rapaz, que vêm se protagonizando por agressões físicas e morais à colegas de profissão e a torcedores que contribuem para seu desproporcional e exagerado salário. Até admitimos que ele lance mão de artifícios para sobressair e aparecer, já que não será por sua qualidade ou capacidade profissional que alcançará êxito nesta empreitada. Reflitamos se algum craque do passado como: Nilton Santos, Garrincha, Pelé, Tostão, Gérson, Zico, Falcão ou Roberto Dinamite agiram em algum momento com tamanha imbecilidade. O que nos conforta é ter a certeza que jogadores assim, não representam nada e que num curto espaço de tempo, ninguém mais se lembrará deste nome. A rivalidade entre os

clubes sempre existiu e sempre existirá, mas que se mantenha no patamar do amor, da torcida ao seu clube e que não tenha a contribuição dos profissionais para que a violência e a insensatez imperem.

Marcelo Assad  
Rio de Janeiro

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 09:03 1 COMENTÁRIOS  

28 DE FEVEREIRO DE 2008

## Horário da lua

Mudando de assunto: o release da Prefeitura do Rio já é meio velhinho, mas vale reproduzi-lo aqui. Trata da programação do Planetário para o eclipse ocorrido agora, em fevereiro. Na pressa, o coleguinha que o redigiu, escorregou ao acentuar a palavra "nu" - isso passa. O mais curioso é o horário em que, segundo o comunicado, o eclipse atingiria seu ápice: 24h46 - ou catorze minutos para as vinte e cinco horas. O tal do eclipse mexeu tanto com o nosso planeta que acabou gerando um dia de 25 horas. O pior é que o release - que pode ser lido em <http://www.rio.rj.gov.br/pcrj/verao2008/> - foi reproduzido em vários sites, com o tal horário de 24h46. É só fazer uma busca no Google.

*Planetário distribui senhas para ver eclipse total da lua na quarta-feira*

*Depois de amanhã, quarta-feira, o eclipse total da lua poderá ser acompanhado pelos interessados, no Planetário da Cidade, na Gávea, que distribuirá gratuitamente 260 senhas aos vistantes a partir das 22h.*

*O início do eclipse, que também poderá ser visto a olho nú, está previsto para 22h43 e atingirá seu ápice à (ôps!) 24h26, terminando às 2h09 da madrugada de quinta-feira.*

*Com sede na Rua Vice-Governador Rubens Berardo, 100, a Fundação Planetário do Rio de Janeiro dispõe de quatro telescópios modernos em cúpulas de observação com aberturas em forma de fenda que podem localizar até 64 mil objetos no céu. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 2274-0046.*

*Postado em 18 de fevereiro de 2008.*

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 20:32 0 COMENTÁRIOS  

## O gesto do Souza e o ministro do Chico

A nova letra que a torcida do Flamengo fez para a "Ninguém cala..." é, admito, engraçada. Melhor isso do que dizer que vai matar, trucidar. Sacanear a torcida adversária faz parte do jogo, da brincadeira - assim como reclamar

do juiz. A sátira lembra aquela outra, sobre o pior ataque do mundo, feita há tempos pela torcida do Vasco.

Mas fiquei preocupado quando, ontem à noite, vi pela internet que o Souza fingiu que chorava ao comemorar o gol que fez contra o tal do Cienciano. Uma outra ironia com a reação dos jogadores, técnico e presidente do Botafogo depois do jogo de domingo. Torcida é torcida, mas o Souza... O cara volta e meia comemora gols fazendo, com as mãos, o gesto de quem dispara uma arma - negócio meio complicado pra quem vive numa cidade violenta como a nossa. Soube há pouco, por um amigo flamenguista, que volta e meia o mesmo jogador faz outro gesto, cruza os punhos cerrados sobre a cabeça - algo que remeteria para um outro tipo de organização, daquelas que disputam territórios em morros cariocas. Céus!

No domingo, o Souza começou toda aquela desnecessária confusão depois do primeiro gol do Flamengo - o empate não era bom pro Botafogo, não haveria porque seus jogadores retardarem o reinício da partida. O Souza não precisava ir lá disputar a bola com o Castillo. Agora, o sujeito sacaneia todo o Botafogo - jogadores, dirigentes, técnicos e, mesmo, torcedores. Sacaneia colegas de trabalho, incita a torcida, acirra ânimos. Espero que isso não renda mais confusão. Mas, do jeito que as coisas andam - lembremos que um torcedor do Botafogo foi morto depois do jogo de domingo -, tende a dar merda. Faltou à diretoria do Flamengo um diretor do "Vai dar merda", um equivalente clubístico ao ministério que o Chico Buarque sugeriu ao governo federal. Alguém que, há algum tempo, tivesse dado uma bronca no Souza. O problema é que, de um modo geral, dirigente adora qualquer gesto que o identifique com a torcida. Mesmo que isso causa problemas lá na frente, que coloque ainda mais em risco a vida dos que se dispõem a ver jogos no Maracanã.

Acho que os dirigentes do Botafogo e do Flamengo poderiam tentar dar um jeito de diminuir esta tensão, os dois times vão se enfrentar em breve, na disputa pela Taça Rio. O Botafogo reclamou do juiz, mas sequer insinuou participação da diretoria do Flamengo numa suposta armação - isso abre caminho para um entendimento. Repito o que já andei dizendo em comentários anteriores: muitos e muitos torcedores deixam de ir ao Maracanã quando seus times enfrentam o Flamengo. Não por medo de perder, mas por medo de apanhar. A torcida do Flamengo não detém o monopólio da estupidez nem da violência (nisso, todas as organizadas tradicionais se equivalem), mas, por ser muito maior que as outras, tem exercitado mais essas, digamos, características. Enfim, cabe aos dirigentes - e também a nós, jornalistas - contribuir para segurar as pontas. A irresponsabilidade de um jogador não pode colaborar para o aumento de uma já assustadora violência nos estádios e em volta deles.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:53 8 COMENTÁRIOS  

26 DE FEVEREIRO DE 2008

**Chororô rubro-negro (pra não dizer que só nosostros reclamamos - e pra encerrar logo esse assunto)**

1. 09/05/07

Renato: 'Esse juiz é uma m...'

Autor de dois gols, camisa 11 reclama da atuação do árbitro argentino no Maracanã

Márcio Iannacca - Do GLOBOESPORTE.COM, no Rio de Janeiro

O meia Renato, autor de dois gols na vitória do Flamengo por 2 a 0 sobre o Defensor, do Uruguai, pela Taça Libertadores, reclamou da atuação do árbitro argentino Héctor Baldassi. De acordo com o jogador, o juiz deixou de marcar algumas faltas e foi conivente com os atletas do time uruguaio, que retardavam o jogo a todo momento. No fim da partida, Renato correu em direção ao árbitro para reclamar de sua atuação. Contido pelos companheiros, o jogador desabafou:

- O time ficou 90 minutos em cima deles. Jogamos em cima e o nosso time se arriscou o tempo todo. O juiz amarrou o jogo. Esse juiz é uma m... - esbraveja Renato.

2. 10/05/2007 -

Resultado serve para o Boca, diz Kléber

Dirigente xinga árbitro e diz que vai perseguir o argentino até o fim de sua vida

Márcio Iannacca - Do GLOBOESPORTE.COM, no Rio de Janeiro

O vice-presidente de futebol do Flamengo, Kléber Leite, estava revoltado com a atuação do árbitro argentino Héctor Baldassi. O dirigente insinuou que o juiz conduziu a partida para que o Rubro-negro fosse eliminado e, no futuro, não cruzasse com o Boca Juniors. As duas equipes poderiam se enfrentar na semifinal da Taça Libertadores.

- Não sei se vai valer alguma coisa, mas quero que todos saibam o que esse juiz fez aqui. Ele é um ladrão, safado. O Boca Juniors tinha interesse nessa partida. Tenho um bom relacionamento com o pessoal da Conmebol e vamos fazer uma reclamação por escrito - diz Kléber.

O dirigente foi além e afirmou que vai perseguir Baldassi pelo resto da vida.

- Ele vai me aturar pelo resto de sua vida. Ele ganhou um inimigo na vida. Vou atrás dele até o fim - ameaça o dirigente rubro-negro.

3. "Nós fomos vítimas de um ladravaz"

A frase é de Kléber Leite, vice-presidente do Flamengo, em entrevista também a Juca Kfoury. Ele se refere ao árbitro argentino da partida entre Flamengo e Defensor, pelas oitavas de final da Copa Libertadores. "Eu não tenho dúvida de que esse árbitro argentino veio ao Rio de Janeiro para armar o resultado"... "e beneficiar o Boca Juniors". Kléber afirma que o juiz fez o resultado do jogo e não admite a possibilidade de simples erros.

Segundo ele, "há erros e erros, como o da nossa bandeirinha belíssima que se equivocou em dois lances difíceis. Há outros que se equivocam também, até porque com essa tecnologia de hoje fica difícil competir".

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 14:14 10 COMENTÁRIOS  

25 DE FEVEREIRO DE 2008

## Dor alvinegra (2)

Tudo bem que futebol seja talvez a melhor metáfora da vida - muita gente boa já disse isso (os argumentos a seguir são de outros, os transcrevo de memória): em esportes como vôlei e basquete são muitas as oportunidades de se fazer pontos; no futebol elas são escassas - como na vida. Nossas chances não são tantas assim, um simples vacilo e lá se vai a mulher, ou trabalho, ou a viagem. Babau. Futebol, com suas regras clássicas e pouco mudadas, representa também um teste para um sentimento de justiça. Parece que o Camus disse que num estádio de futebol, e apenas ali, conseguia se sentir inocente. Em tese, acreditamos que dentro das tais quatro linhas, a justiça vai se impor, soberana, acima das pressões. Mas, como na vida, isso não acontece. O futebol é injusto: por obra do acaso ou mesmo por roubalheira explícita, nem sempre o melhor vence. A gente sabe disso: mas o roubo no futebol, talvez por mexer com algo que tem valor apenas simbólico (nada mais abstrato que um título), machuca muito. Aquela sensação de criança que tem o doce roubado - um doce é tão barato, por que roubá-lo? Nessas horas fica difícil recuperar a inocência detectada por Camus.

Tudo bem, a vida continua, outros campeonatos virão, daqui a pouco a tristeza encontra forças para virar esperança. Mas, caramba, citando Drummond: é só um jogo, mas como dói.

Numa inútil tentativa de consolo, recorro, mais uma vez, a Paulo Mendes Campos.

"Sou preto e branco também, quero dizer, me destroço para pinçar nas pontas do mesmo compasso os dualismos do mundo, não aceito o maniqueísmo do bem e do mal, antes me obstino em admitir que no branco existe o preto e no preto, o branco.

(...)

O Botafogo é um clube com temperamento amadorístico, mas forçado, a fim de não ser engolido pelas feras, a profissionalizar-me ao máximo; também sou cem por cento um coração amador, compelido a viver a troco de soldo.

Reagimos ambos quando menos se espera; forra-nos, sem dúvida, um estofo neurótico. Se a vida fosse lógica, o Botafogo deixaria de levar o futebol a sério, fechando suas portas; eu, se a vida fosse lógica, deixaria de levar o mundo a sério, fechando os meus olhos.

(...)

O Botafogo, às vezes, se maltrata, como eu; o Botafogo é meio boêmio, como eu; o Botafogo sem Garrincha seria menos Botafogo, como eu; o Botafogo tem um pé em Minas Gerais, como eu; o Botafogo tem um possesso, como eu; o



Botafogo é mais surpreendente do que conseqüente, como eu; ultimamente, o Botafogo anda cheio de cobras e lagartos, como eu.

O Botafogo é mais abstrato do que concreto; tem folhas secas; alterna o fervor com a indolência; às vezes, estranhamente, sai de uma derrota feia mais orgulhoso e mais botafogo do que se houvesse vencido; tudo isso, eu também.

Enfim, senhoras e senhores, o Botafogo é um tanto tantã (que nem eu). E a insígnia de meu coração é também (literatura) uma estrela solitária."

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:10 8 COMENTÁRIOS  

## Dor alvinegra (1)

O Fernando Calazans classificou de "ridículo" o episódio ocorrido ontem no vestiário do Botafogo: a revolta do Cuca, o choro de jogadores e do presidente Bebeto de Freitas. O Calazans foi duro, chamou a cena de "descabida", disse que o técnico alvinegro atuou como um ator canastrão. Engraçado que o rigor tenha vindo de um cronista que tanto prega pela volta de valores meio esquecidos no nosso futebol: na sua coluna, ele defende o jogo limpo e o drible, condena a violência, exalta as equipes que partem para o ataque. Valores que - nestes tempos de "crêu", de jogador que comemora gol imitando o gesto de disparar um fuzil - chegam a dar um certo ar nostálgico à sua coluna. Volta e meia o Calazans lembra um daqueles pregadores que berram profecias e anunciam apocalipses no meio de uma multidão indiferente, que sequer esconde um certo riso ao ver o sujeito, terno-e-gravata surrados, a clamar pela salvação.

O Calazans que, certo de sua fé, não teme ser chamado de retrógrado, incorporou, no jornal desta segunda-feira, um pouco do pragmatismo pit-bull que domina nosso futebol e, mesmo, tantos e tantos aspectos da política e das relações aqui no Brasil. Para o cronista, a revolta e o choro não passaram de manifestações ridículas. Engraçado, eu, como leitor habitual de sua coluna, achei que ele poderia até não exaltar a cena, mas, pelo menos, nela veria o ressurgimento de valores importantes, comuns em outros tempos. Tempos em que jogadores tinham sim amor pela camisa, em que dirigentes eram homens apaixonados pelos clubes e não enriqueciam nos cargos. O choro e a revolta de ontem, Calazans, pareceram ser sinceros. Expressavam o desencanto com uma lógica cruel, uma rendição ao poder do clube hegemônico.

No ano passado, o Botafogo foi prejudicado na final contra o mesmo Flamengo. Ontem, isto voltou a ocorrer - duvido que o juiz marcasse aquele pênalti a favor do Botafogo, não consigo entender como ele não apitou quando o Bruno agarrou uma bola atrasada com o pé por um jogador da defesa rubro-negra. Roubo explícito? Não, apenas sucessivas manifestações de boa vontade com um time que hoje concentra o poder no futebol carioca. Como disse aquele juiz assumidamente ladrão - o Edílson -, para prejudicar um time não é preciso anular gols ou marcar pênaltis inexistentes. Basta irritar, inverter uma ou outra falta, tirar o equilíbrio dos jogadores adversários.

O desabafo dos jogadores alvinegros ontem, Calazans, expressou a perda do

tal equilíbrio, a revolta com mais uma injustiça. Como muitas e muitas outras manifestações humanas - o amor, por exemplo - ficou ali, na fronteira entre o sublime e o ridículo. Esta capacidade de nos expor é que nos torna humanos, imprevisíveis. Pena que você tenha optado - créu! - por cravar a opção do ridículo e não ter feito nenhuma concessão ao sublime da cena.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 10:34 8 COMENTÁRIOS  

22 DE FEVEREIRO DE 2008

## Páginas amarelas/ No balanço de Cuba (1)

Estive em Cuba duas vezes, em 1985 e em 1994. O texto abaixo foi publicado em 17/11/94 no caderno de turismo da *Folha*. Já está meio desatualizado, muita coisa mudou por lá: até o presidente, quem diria? Mas acho que dá para dar um panorama geral e despretensioso sobre as contradições que já então se assanhavam pela ilha.

### Bairro histórico lembra antigo pelourinho

#### *Do enviado especial a Cuba*

Cuba mudou mito. De singular tentativa socialista, transformou-se em uma ilha plural. Há o país oficial e o paralelo, o do peso e o do dólar, o do cubano e o do turista. O melhor desta esquizofrenia político-social-econômica é que se pode visitar ambos ou apenas um, ver o que restou do socialismo ou simplesmente ir à praia.

Cuba é possivelmente o único país do mundo em que funcionárias públicas trabalham com as nádegas de fora. Não se trata de mais uma tara daqueles comunistas barbudos. As tais funcionárias são bailarinas de algumas das mais animadas repartições do mundo: os cabarés cubanos.

Em uma quase metáfora das dificuldades do país, os há até poucos anos imensos biquínis revelam hoje escassez de tecido e exaltação de ousadia e liberalização.

Fora o socialismo, as duas Cubas - a do turista e a do cubano - continuam muito parecidas com a nossa Salvador: na ilha não há a miséria baiana. Em compensação, as construções do "novo" Pelourinho dão um banho nos mal conservados casarões e palácios de Havana Velha, bairro histórico da capital cubana.

Lá, como aqui, lemanjá é lemanjá. Ogum é Ogum etc. Herança iorubá: nação africana de onde foram levados escravos que serviram às então colônias espanhola e portuguesa. Cubano é parecido com baiano até no desrespeito aos horários - e o pior é que lá todo mundo é funcionário público.

A fronteira das duas Cubas é marcada por uma linha imaginária formada por notas de dólares. Na ilha há os com-dólares e os sem-dólares. Os primeiros podem até dizer que o paraíso não é algo assim tão distante e não fica necessariamente a menos de 200 km ao norte, na Flórida.

Já os sem-dólares são obrigados a viver com o peso, moeda que, se ainda oferece alguma garantia contra o inferno da fome, serve, no máximo, para

comprar um lugar nas arquibancadas do purgatório.

Para o turista não há opção: ele está entre os que têm dólares. O peso fica ainda mais leve para o estrangeiro e tem apenas a discutível utilidade de servir como recordação.

Com algum jeito, dá até para se sentir um milionário norte-americano em Copacabana. Isto, até na desvantagem de ser assediado por: 1) meninos (e velhos) pedindo dinheiro (dólar, claro, Fidel Castro já disse que "o real não cheira bem"); 2) funcionários públicos oferecendo rum e charutos a preços que, garantem, ser de ocasião; 3) dezenas de pessoas querendo saber detalhes dos próximos capítulos da novela "Felicidade".

A parte pobre do país, que inclui Havana Velha, é uma mistura de subúrbio carioca com Pelourinho pré-reforma. Apesar da pobreza, do mau estado de conservação dos prédios, dos pedintes, dos traficantes de rum e dos noveleiros, ir a Havana Velha é tão fundamental quanto beber mojitos ou daiquiris, drinques feitos com rum.

Para quem saiu do Brasil disposto a ficar distante de pobres e novelas, o melhor é correr para Varadero, a 140 km da capital, e ficar de molho no mar com águas a 25°C.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 20:26 0 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: CUBA

21 DE FEVEREIRO DE 2008

## Isso me irrita! (2)

Telemarketing em geral. Um tipo de telemarketing em particular: a moça liga para o seu celular, se identifica como funcionária de uma operadora concorrente e pergunta (céus!) o nome de quem está falando. Aconteceu comigo umas três ou quatro vezes. Em todas perguntei para a mulher como é que ela tinha a cara-de-pau de ligar para alguém cujo nome ignorava.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 22:06 0 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: IRRITA

18 DE FEVEREIRO DE 2008

## O show dos subsídios

O Ancelmo Góis publicou, o Marcelo Moutinho comentou ([www.marcelomoutinho.com.br](http://www.marcelomoutinho.com.br)) - com um título pra lá de sugestivo, "E vai rolar a fe\$ta" -, a decisão do Ministério da Cultura de permitir que a Ivete Sangalo vá ao mercado captar R\$ 1.850.820,00 para fazer seis shows pelo país. O negócio é mais ou menos o seguinte: com a autorização, a produção da Ivete - uma artista popular, que tem shows lotados e vende muitos CDs e DVDs - vai em busca de patrocínio. O dinheiro que as empresas investirem será abatido de seus impostos. E as empresas ainda têm direito de posar de patrocinadoras do show - na verdade, os patrocinadores seremos todos nós,

gostemos ou não gostemos da Ivete, tenhamos ou não tenhamos grana para assistir seus shows, compremos ou não ingressos.

Em tese, o mais justo aplicar dinheiro público em atividades artísticas e culturais que não tivessem como viver apenas do mercado (orquestras, grupos populares e/ou iniciantes, atividades em cidades fora dos grandes centros). Projetos de artistas consagrados poderiam até receber uma graninha, desde que envolvessem uma contrapartida - shows gratuitos, com ingressos populares, sei lá. O complicado é usar o dinheiro de todos para bancar a diversão de alguns e o lucro de poucos.

Pra não ser injusto: a Ivete não é, nem de longe, a única a se beneficiar da lógica de dar dinheiro público para quem já o tem (uma velha prática brasileira, por sinal). Fui dar uma olhada no site do Minc. Olha só que encontrei: a Maria Bethânia conseguiu captar R\$ 500 mil reais para a série de shows *Brasileirinho II*, também chamada de *Dentro do mar tem rio*. Conseguiu dinheiro na Eletrobrás, Unibanco e Copesul. Pior é que o site diz que houve problemas na prestação de contas. No Canecão, os ingressos pagos por não-estudantes custaram de R\$ 60,00 a R\$ 140,00 (havia poltronas a R\$ 20,00, compradas na hora do show). Em São Paulo, variavam de R\$ 100,00 a R\$160,00. Ingressos, vale frisar, subsidiados com dinheiro público.

Gilberto Gil conseguiu, em 2002 - antes de virar ministro -, captar R\$ 143 mil apenas para a produção editorial de um livro - *Todas as letras* - que reuniria as letras de suas músicas e apresentaria seus comentários sobre elas. A impressão seria bancada com recursos próprios. Também em 2002, sua produtora captou R\$ 860 mil para viabilizar a presença de seu Trio Elétrico Expresso 2222 no Carnaval de Salvador.

Que ninguém diga que implico com baiano. A produção da peça *Mademoiselle Chanel*, com Marília Pêra, captou R\$ 619 milhões: se não me engano, os ingressos de não-estudantes custavam, no Rio, até R\$ 120,00. Depois, os produtores conseguiram mais R\$ 477 mil para apresentações em outras sete cidades do país.

Paulinho da Viola, um dos artistas que mais admiro, solicitou ao MinC o direito de captar R\$ 1.726.300,00 para fazer, em 2008, 20 shows em dez cidades brasileiras. O projeto ainda não foi aprovado. Mais modestos, os gaúchos Kleiton e Kledir querem autorização para captar R\$ 233.500,00 para produzir um CD com músicas inéditas que terá a tiragem de 3 mil exemplares: custo unitário, portanto, de R\$ 77,83. Ah, cada CD será vendido por R\$ 25,00.

OK, os valores são menores que os inacreditáveis R\$ 9,4 milhões captados pelos produtores do Cirque du Soleil em 2006. Mas, enfim, ficam algumas perguntas: será que não seria mais justo que o financiamento dos shows e CDs de artistas consagrados fosse feito pelos fãs que compram ingressos e discos? Por que todos temos que pagar por isso? Por que o Estado tem que subsidiar a propaganda feita por grandes empresas? Importante registrar que tudo isso é feito legalmente, não há irregularidade. Mas talvez seja o caso de se repensar esse tipo de investimento público. Enquanto isso, os jornalistas que cobrem a área poderiam passar a incluir o valor captado com base nas leis de incentivo nas matérias sobre estréias de peças, filmes e shows subsidiados.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 22:50 3 COMENTÁRIOS  

15 DE FEVEREIRO DE 2008

## Meninas mortas

Não quero transformar este blog num espaço de discussão de segurança pública - o Jorge Antônio Barros faz isso muito bem lá no seu Repórter de Crime (<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/reporterdecrime/>). Mas, caramba: acabo de cobrir a terceira morte de menina de onze anos vítima de bala classificada como perdida. Cobri os três casos: todos ocorreram em favelas durante conflitos entre policiais e bandidos. Nesta sexta, a vítima foi Ágata Marques dos Santos, moradora da Rocinha; na semana passada morreu, na Vila Cruzeiro, a Yorrane Abas Tavares Ferreira; no dia 15 de dezembro passado a bala matou Fabiana Santos Monteiro, moradora do morro do Telégrafo, na Mangueira. Sobre este último caso cheguei a fazer um post no dia 18 de dezembro, *A rosa de número 6.001*.

A Secretaria de Segurança diz que lamenta as mortes, mas que é assim mesmo, a polícia tem que combater o tráfico. A Polícia Civil soltou uma nota em que afirma que tem procurado agir com "planejamento, inteligência e cautela" para evitar vítimas inocentes. Não duvido das boas intenções das autoridades de segurança, sei que a situação no Rio é muito complicada. Mas não dá pra reagir com naturalidade diante de tantas mortes de crianças. Não consigo acreditar que esse seja o preço que tenhamos que pagar pelo suposto fim do domínio territorial de traficantes em favelas cariocas. Não é a primeira vez que a política de confronto é exacerbada, outros governos já fizeram o mesmo, com resultados pífios. Também não dá para ver com naturalidade cenas de policiais atirando em direção às casas da favela, para o alto do morro, sem mirar num alvo específico. Bandidos fazem isso? Fazem. Mas eles são bandidos, a polícia não pode se igualar a eles.

O pior é que as histórias da Ágata, da Yorrane e da Fabiana vão sumir logo dos jornais (estas duas já desapareceram). O destaque dado aos mortos tem a ver com a renda de cada um. A indignação da população também é proporcional à posição social das vítimas. Não tenho a menor dúvida que a reação da sociedade e mesmo das autoridades seria outra se as meninas mortas morassem aqui, no asfalto, e não lá em cima, nas favelas.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 22:50 0 COMENTÁRIOS  

14 DE FEVEREIRO DE 2008

## Direitos dos bandidos, nossos direitos

O caso daquele juiz federal que disse ter sido agredido por policiais civis do Rio

(mais detalhes no Blog do Noblat - <http://oglobo.globo.com/pais/noblat> -, postagem das 12h24 de ontem, 13/2) - é ótimo para os que acham que qualquer policial tem o sagrado direito de bater em qualquer suspeito (eventualmente, tem também o direito de matá-lo). Essas pessoas, que adoram mandar cartas furibundas para *O Globo*, acham que a cor da própria pele e a posição social que ostentam serão barreiras à violência policial; têm

certeza de que nunca serão atingidas. Tolinhas: defender o respeito aos direitos humanos de acusados de crimes ou mesmo de bandidos não é apenas uma manifestação de justiça e civilidade, é também uma ótima maneira de garantir os nossos direitos, os direitos de todos. Se o policial respeitar o suposto bandido também respeitará o suposto inocente.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 20:29 0 COMENTÁRIOS  

12 DE FEVEREIRO DE 2008

## A falsa fatalidade e o samba do Edmundo

Acabo de ler que o pai de uma das vítimas do acidente em São Paulo - aquele em que morreram cinco jovens - disse que o fato deveria servir de exemplo para os mais jovens. Mas, em seguida, classificou o episódio de "fatalidade". Com todo o respeito e carinho por ele, que sofre agora uma dor inimaginável: é um erro se falar em "fatalidade". Ao que tudo indica - e peço desculpas antecipadas caso eu esteja errado - houve sim uma irresponsabilidade coletiva. Não uma fatalidade, mas um resultado até previsível diante da provável combinação entre álcool e volante.

É curioso como a sociedade reage de forma diferente a tragédias que causam mortes violentas. Se as mortes são resultado de uma ação de bandidos, ressurgem o coro do pega-mata-come: a pregação por penas mais duras, a negação dos mais elementares direitos humanos, a tolerância com a violência policial. Claro: essas mortes são produzidas pelos *outros*, por *eles*, pelos marginais; de um modo geral, feios, sujos e malvados. Já acidentes de trânsito são, de um modo geral, causados por gente como a gente, pessoas que se parecem conosco, com nossos amigos ou filhos. Nesses casos, a grita é mais branda. O crime aparece coberto pela capa da tal fatalidade. Não tenho apoio estatístico para isso (já até tentei usar os dados do DataSus, mas eles são incompletos, não permitem conclusões definitivas), mas sou capaz de apostar que os filhos da classe média morrem mais de acidentes de carro do que de balas disparadas por bandidos. No entanto, tendemos a ter mais medo da ação destes.

Volta e meia se acusa - com razão até - a justiça de ser lenta e tolerante com motoristas que causam acidentes. Mas, de certa forma, a sociedade também é igualmente tolerante. Na madrugada de domingo passado, o jogador Edmundo, depois de circular num camarote no sambódromo, desceu à pista e desfilou no meio de uma escola de samba. De onde eu estava, não ouvi vaias nem qualquer manifestação de protesto quanto à presença, ali, de um sujeito condenado pela morte de três jovens em um acidente de trânsito ocorrido em dezembro de 1995. Julgado em 1999, ele, até hoje, consegue, de recurso em recurso (são sete recursos desde a condenação, segundo matéria publicada em junho passado em *O Globo*), adiar o cumprimento da pena. Uma pena muito leve, por sinal: quatro anos e meio de prisão em regime semi-aberto.

Duvido que a reação do público do sambódromo seria a mesma caso o



desfilante fosse outro. Por exemplo, um homicida comum, ou mesmo aqueles dois condenados pelo assassinato da Daniella Perez (e olha que ambos cumpriram pena). A sociedade é tolerante com os crimes de trânsito talvez até como um *habeas corpus* preventivo - como se pensasse no que seria capaz de fazer ao volante depois de algumas doses. Na dúvida, exerce com o outro a tolerância que deseja para si. O resultado disso é o silêncio cúmplice diante do desfile de um condenado que se recusa a cumprir a pena.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 15:40 0 COMENTÁRIOS  

11 DE FEVEREIRO DE 2008

## Marias e Joãos da Leopoldina

Deve ser coisa do suburbano que nunca deixarei de ser. Mas, para fechar o ciclo carnavalesco - até porque 2008 já começou! -, cito aqui um trecho do samba da Imperatriz Leopoldinense. Escola que já foi a papa-tudo do carnaval carioca, especialista nos tais desfiles frios e técnicos, a Imperatriz fez este ano uma belíssima apresentação e trouxe o mais lindo samba da temporada. Dizer que em Ramos, "a nossa estação", "imperam Marias e Joãos" é muito bonito e emocionante. Ainda mais quando lembramos que a região da Leopoldina, parte dela dominada por quadrilhas bem armadas, tornou-se foco principal da ação da polícia. Foi lá que, no ano passado, dezenas de Marias e Joãos inocentes foram mortos em nome do combate ao tráfico. E é lá que, de acordo com a previsão do secretário de Segurança Pública, deverão ocorrer outras mortes, digamos, civis. Em meio à barbárie, não custa celebrar de novo as Marias e os Joãos responsáveis pela criação de belezas como os desfiles das escolas de samba. Vida longa e feliz para todos eles.

*E Leopoldina será nossa imperatriz  
Será também nome de trem  
Que passa em Ramos, a nossa estação  
Onde imperam Marias e Joãos*

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 10:52 2 COMENTÁRIOS  

8 DE FEVEREIRO DE 2008

## Isso me irrita! (1)

Agenciadores de táxi - ou os próprios taxistas - gritando "Táxi!Táxi!Táxi!". Como já disse algumas vezes para esses sujeitos: eu é que tenho que chamar o táxi, não é o táxi que tem que me chamar.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 22:10 0 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: IRRITA

7 DE FEVEREIRO DE 2008

## Arquivando o tamborim

O 10o. lugar para a Mangueira tem apenas uma explicação: as notas baixas não foram para a escola, mas para o Tuchinha, o traficante que andou frevando pela quadra e virou parceiro do samba. A Mangueira pagou pelas más companhias.

Por falar em sambandido. Pode ser paranóia, mas levei um susto com o refrão do samba da Mocidade Independente:

"Minha Mocidade guerreira  
Traz a igualdade, justiça e paz."

Igualdade, justiça e paz - nada contra, muito pelo contrário. O problema é que a seqüência é parecida demais com o lema do CV: "Paz, justiça e liberdade." Na dúvida, parei de cantar o refrão no sambódromo.

Diz a lenda que, antigamente, o Aniz/"Anísio" reclamava: investia uma grana no carnaval e tudo ia por água abaixo na hora em que o Jamelão cantava "Mangueira teu cenário é uma beleza." Pelo jeito, o Neguinho herdou o posto. Pelo carisma, pela simpatia, pela hoje rara fidelidade à escola. O "Olha a Beija-Flor aí, gente!" já é meio caminho andado.

Por falar em Neguinho: foi impressão minha ou a voz dele anda meio assim-assim? Durante o desfile, dava pra ouvir apenas o coro de puxadores. Tomara que seja algo passageiro ou apenas impressão minha.

Não vi, mas um amigo - torcedor da Beija-Flor - observou e contou: a grande Selminha Sorriso deixou a bandeira enrolar diante da cabine do último julgador. Mas não perdeu um décimo sequer.

A máquina de desfilar em que se transformou a Beija-Flor (a definição é de um amigo) reforça a diferença entre escolas de samba e blocos - nestes, dá pra brincar carnaval; naquelas, nada disso. O padrão Beija-Flor impõe um desfile ainda mais técnico do que os apresentados pela Imperatriz há alguns anos.

O Laíla, diretor de Carnaval e de Harmonia da Beija-Flor, é uma espécie de Bernardino do samba. Quem já foi a um ensaio na quadra da escola sabe do que estou falando.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:26 3 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: CARNAVAL

5 DE FEVEREIRO DE 2008

## Azul, branco e penas

Pode parecer implicância, mas, nesta madrugada, quando a Beija-Flor passou, fiquei com a impressão de já ter visto aquele desfile. As fantasias (muitas penas, muito índio), os carros alegóricos (igualmente penugentos), o samba-enredo: a melodia, o refrão, os versos cheios de palavras e nomes incomuns, tudo lembrava carnavais passados.

Fui então dar uma olhada nos sambas apresentados pela escola nos últimos anos. A seguir, trechos misturados das letras:

*Os cunanis, aristés, maracás  
A luz que vem de Daomé, reino de Dan  
É jeje, é jeje, é querebentã  
na "yvy maraey" aiê... povo de fé.  
Maués, Anauê cultura milenar  
com tubichá e o feitiço de crué  
Anauê, Manaus, Mamirauá.*

Até pensei num samba para 2009. Algo como:

*Assum anê, pondé querê  
Mutum cauê:  
cereco e tanta.  
Teteco alê, surubantê...  
Ô dinguelê, mestre de bamba.*

O que quer dizer isso? Sei lá, mas fica aí uma contribuição mangueirense para a competente escola de Nilópolis.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 13:50 2 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: CARNAVAL

2 DE FEVEREIRO DE 2008

## Justiça na madrugada

O tema da proibição do carro da Viradouro sobre o holocausto é delicado: a Constituição garante a liberdade de expressão, a lei municipal que impõe restrições aos desfiles trata apenas do chamado vilipêndio a símbolos religiosos. Na dúvida, fico com o direito à liberdade, ainda que respeite e entenda o sentimento dos que, judeus ou não, se chocaram com a alegoria (barra-pesada demais para um desfile. O ótimo Paulo Barros poderia ter encontrado um jeito mais delicado e carnavalesco para tocar no tema: corpos amontoados, Hitler arrependido... argh!).

Muita gente contrária à decisão judicial que proibiu o carro alegou que a juíza que concedeu a liminar seria judia, o que a impediria de julgar o caso com isenção. Discordo. Não dá pra fazer uma associação tão automática assim. É até perigoso cairmos num determinismo deste tipo. Além do mais, nem todos os judeus - como está na edição de hoje de *O Globo* - concordaram com a decisão da Federação Israelita de pedir a proibição do carro.

Mas um ponto me intriga: a decisão de se recorrer ao plantão judiciário para se buscar a liminar. Isso ocorreu de quarta para quinta, ou seja, os advogados teriam ainda dois dias úteis para recorrer ao Judiciário. Neste caso, eles não saberiam que juiz iria analisar o pedido. Mas preferiram agir à noite ou de madrugada: em tese, eles poderiam saber quem era o juiz (no caso, a juíza) que estaria de plantão. A escala de plantonistas é divulgada no site do Tribunal de Justiça do Rio(hoje, sábado, é a juíza Marcia Cunha Silva Araujo de Carvalho; amanhã e depois, Fernanda Galliza do Amaral).

A questão, insisto, não é se a juíza é ou não judia - faço questão de não apurar isso. Acho até que seria racismo dizer que ela julgaria de acordo com pressupostos étnicos ou religiosos. Também não dá para sequer insinuar que ela já tivesse uma posição a respeito do caso. O problema é que os advogados sabiam que ela é que iria analisar o pedido. O plantão judiciário é para resolver questões urgentes - segundo o próprio site do TJ, casos como habeas corpus, prisão preventiva, busca e apreensão de menor, medida para ingresso em local onde exista alguém em risco, entre outros. Teria sido melhor se os advogados esperassem a abertura do fórum para pedir a liminar - que seria julgado por um juiz não previamente determinado.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:44 0 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: CARNAVAL

31 DE JANEIRO DE 2008

## Filhos eternos



Não é muito original dizer isso, mas não custa repetir que "O filho eterno", de Cristovão Tezza (Record), é um ótimo livro. E o melhor: conheço algumas pessoas que já o leram. Isso permite algo difícil nesses tempos: conversar,

ainda que por e-mail, sobre um livro. Numa dessas conversas, um amigo me chamou a atenção para um dado interessante de "O filho eterno": no fundo, o personagem principal também busca o pai. No processo de rejeição/aceitação do filho down, ele também se descobre filho, um filho igualmente eterno.

Essa observação permitiu - e a conversa foi seguindo - perceber o quanto o autor é hábil ao criar discretos paralelismos entre a história de seu filho e fatos de sua própria biografia. O filho tem uma deficiência que lhe causa óbvios problemas de adaptação ao mundo. Mas, ao refletir sobre o filho, o pai reconhece suas menos explícitas dificuldades. A humanização do personagem principal se dá de forma gradual. Algo só pode existir na medida em que ele também se descobre incapaz, inadaptado. A deficiência de um expõe a do outro. Uma leitura que nos ressalta o como, de alguma forma, somos todos meio (ou muito) incapazes e inadaptados. E é essa perspectiva que faz de "O filho eterno" um livro profundamente humano.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 14:54 2 COMENTÁRIOS  

29 DE JANEIRO DE 2008

## Bandeiradas

"Normalmente é no banco de trás. O banco é rebatível, sabe? Fica feito uma cama. Mas, de vez em quando, na pressa, é aqui na frente mesmo. Nesse banco aí que você tá sentado."

"Ahã", devo ter dito, enquanto conferia de maneira exagerada e caricatural o estado do assento, do banco do carona.

"Aqui tá tudo limpinho, né, companheiro?", brinquei: "Pelo visto tá tudo seco..."

O sujeito pareceu gostar da brincadeira. Ficou mais à vontade para prosseguir no relato de suas aventuras sexuais no táxi.

"Ali atrás - fez, com uma ligeira virada de rosto, uma referência à mala do carro - tenho tudo que precisa. Lençol, travesseiro, camisinha..."

Mas, e a violência, os assaltos? Não seria complicado namorar no carro hoje em dia? Onde é que ele parava o táxi? Havia alguns locais. Mas o preferido era um depósito de material de construção, lá perto de sua casa, em Nova Iguaçu. Estacionava bem atrás de um monte de areia.

As, digamos, passageiras eram fixas?

Variava, eu deveria saber. A namorada mesmo não gostava tanto dos malabarismos no táxi. Cliente de carteirinha mesmo era a filha de uma vizinha, 16 aninhos de pura sacanagem. Mal podia ver o táxi passar pela rua.

"Só as duas?" Ele fez um ar de cansaço, de quem anda rodando mais do que o razoável. Aquele jeito de quem diz isso-aqui-ainda-acaba-comigo.

"Que nada. Parece até que elas adivinham, que fazem sinal de propósito.

Fingem que querem o táxi, mas ficam mesmo de olho no kit que tem lá na mala."

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 00:18 0 COMENTÁRIOS  

27 DE JANEIRO DE 2008

## Naicetomitiu



"O que quer dizer 'naicetomitiu?'. O motorista do táxi queria descobrir o que o gringo dissera para ele. Naicetomitiu.

"Ele, pelo visto, gostou do seu trabalho. É uma forma de agradecimento, uma maneira de dizer que ficou feliz em conhecê-lo."

"Ah, bom."

Pensou que fosse alguma sacanagem, língua de gringo, sabe como é que é. Fica tranqüilo, foi um elogio.

"Conheço algumas palavras em inglês. Thank you, good morning. Mas nunca tinha ouvido o naicetomitiu. Quer dizer que ele gostou do meu serviço?"

O taxista demonstrava não confiar muito no agradecimento do gringo nem na minha capacidade de traduzir o que ele dissera (neste ponto, sua dúvida fazia algum sentido).

"Já falei, amigo - disse enquanto pagava a corrida. - Foi um elogio. Você é um bom motorista."

"Tá bom, OK. Mas... (eu já tinha colocado meio corpo pra fora do táxi, mas havia uma outra questão, urgente, pelo visto, a ser resolvida) ...o que quer dizer rropetosiugueim?"

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 21:40 1 COMENTÁRIOS  

25 DE JANEIRO DE 2008

## Eu e o meme, o meme e eu

Recebi este *meme* do Marcelo Moutinho, que o recebera da Adriana Lisboa. Não sei muito bem o que é um *meme*, pelo jeito, é um questionário com nome diferente. Pior é que nem sei como passar esse trem adiante. Mas, vamos lá, vou tentar responder às perguntas.

1. O que você estava fazendo em 1978 (há 30 anos)?

Participava de um cineclube, estudava para o vestibular, era aluno do Colégio Metropolitano, no Méier - queria ser jornalista. Gostava muito das aulas de literatura, o professor era o Ivan Cavalcanti Proença. Torcia para o Botafogo quebrar o jejum de títulos.



2. E em 1983, há 25?

Trabalhava na sucursal Rio do "Estadão", onde estagiara por um ano. Fui contratado, se não me engano, em março. Em dezembro, aluguei um apartamento em Botafogo, na rua Sorocaba, e fui morar sozinho. Não exatamente sozinho: o apartamento, térreo, era visitado por milhares de baratas, o que deve ter contribuído para uma certa solidão - mulheres e suas implicâncias bobas. Torcia para o Botafogo quebrar o jejum de títulos.

3. O que você estava fazendo em 1988?

Era repórter da sucursal Rio da "Folha" - ou chefe de reportagem, sei lá. No apartamento de Vila Isabel, trocava fraldas de meu filho nascido no ano anterior, cantava sambas-enredos para ele dormir ("Os sertões" era o favorito, o moleque caía no sono ao som de "Os jagunços lutaram, até o final/Defendendo Canudos naquela guerra fatal"). Babava diante do meu primeiro filho; com auxílio de amigos, cuidava para fazer com que seu coração adotasse a estrela solitária que me conduz. Por falar nisso: torcia para o Botafogo quebrar o jejum de títulos.

4. E em 1993?

Morava na Tijuca, cuidava de meus dois filhos alvinegros (o mais novo tinha dois anos, também ouvia sambas-enredos para dormir enquanto eu babava diante dele). Era repórter especial da "Folha". Comemorava os diversos títulos do Botafogo.

5. O que estava fazendo há 10 anos?

Já trabalhava na Globo - se não me engano, tinha acabado de migrar para a redação do Fantástico, onde ficaria por oito anos. O primeiro casamento fora pro espaço, tinha voltado a morar sozinho - na Tijuca, Leblon e no Humaitá.

6. E há cinco?

Terminava meu segundo livro, estava no meio do segundo casamento, torcia para o Botafogo sair da segunda divisão.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 15:06 0 COMENTÁRIOS  

24 DE JANEIRO DE 2008

## Páginas amarelas (5) Anistia

Conversei ontem com um colega de redação sobre as fotos que mostram PMs saqueando um caminhão de entrega de cerveja. Ele fez um diagnóstico e uma proposta: do jeito que está a polícia do Rio, só há um jeito, começar tudo de novo. Sugeriu uma anistia para policiais infratores e um recomeço, que teria que ser acompanhado de uma reestruturação da PM - a criação de um outro patamar salarial seria mais do que recomendável. Na conversa, surgiu um consenso meio óbvio: a criminalidade só chegou ao atual estágio graças à colaboração e conivência de setores policiais. É o que explica a quantidade de armas e de munição à disposição dos bandidos. Uma anistia ampla - e que excluísse os casos de crimes contra a vida - talvez fosse interessante.

Lembrei de um texto que escrevi em 1996 e que foi publicado na "Folha". Hoje talvez ele pareça meio inocente, sei lá. Mas, diante da complexidade do problema, não custa - até como exercício - pensarmos em soluções mais originais. O investimento no aumento da repressão e no uso da violência policial tem sido recorrente nos últimos 20 e poucos anos. O resultado, todos conhecemos. Na época, falei em anistia para bandidos, talvez seja o caso de - como quer meu amigo - incluir os fardados no pacote.

## Pacto da Rocinha

Folha de S.Paulo, 13/01/1996

Fernando Molica

RIO DE JANEIRO \_ Mesmo os defensores da solução policial para o problema da violência admitem que a raiz da situação de conflito está plantada no solo das carências e desigualdades sociais.

Já há algum tempo, estudiosos da situação carioca detectaram que, em muitas favelas, o poder formal perdeu a batalha para outro \_um poder real, de fato, exercido pelo tráfico de drogas e construído com base no medo e em uma espécie de senso difuso que identifica no Estado uma espécie de inimigo, uma entidade que só aparece por ali metido em uniforme de polícia.

Há alguns anos falava-se no Brasil em um pacto social, um acordo inspirado no Pacto de Moncloa (o que viabilizou a transição democrática na Espanha) e que permitiria à sociedade administrar as liberdades recém-conquistadas.

Bem ou mal, o Brasil institucionalizou-se. Esse processo deixou de fora, porém, milhões de pessoas. Muitas dessas, como os sem-terra, continuam dispostos a participar da brincadeira: para isso chegam a arranhar a legalidade, mas seu objetivo final é o de integração na sociedade.

Outros, como os jovens que vivem armados em favelas cariocas, já perderam essa expectativa de integração: seu horizonte institucional aponta apenas para a cadeia.

A reversão desse quadro exigiria atitudes mais corajosas. O pressuposto seria o Estado e a sociedade admitirem sua responsabilidade na criação das condições que permitiram a expansão da miséria e da violência.

Dessa constatação e da vontade de mudança surgiria uma espécie de "Pacto da Rocinha" \_isso para citar uma das mais célebres favelas cariocas. Seria um acordo pelo qual o Estado, em seus diferentes níveis, se comprometeria a resgatar a tal dívida social, expressa hoje na falta de empregos, saneamento básico, escolas, transporte e atendimento médico.

Seria também necessário desarmar os grupos marginais. Para isso seria possível até pensar em uma solução que incluísse uma anistia em troca das armas. Anistia que viria acompanhada de oportunidades reais de integração social. É uma proposta arriscada, mas que, se bem-sucedida, proporcionaria ganhos para os dois lados. Seria, talvez, o início de uma sociedade mais justa e menos violenta.

MARCADORES: PÁGINAS AMARELAS

22 DE JANEIRO DE 2008

## Sassaricando 2050

O post sobre o inglório destino dos sambas derrotados rendeu aqui no blog uma discussão interessante, com apenas uma ou outra canelada. A Eugenia, uma das editoras da Agenda do Samba e Choro - <http://www.samba-choro.com.br/> - , chegou a propor o lançamento de um CD com sambas não escolhidos pelos jurados. Eu não pedi tanto, apenas reivindiquei o direito de, vez por outra, cantar um ou outro samba escanteado. Mas sei que é uma luta meio inglória: sambas vencedores já não duram muito, imagine o ocorre com os defenestrados...

Sambas de bloco são, de um modo geral, muito ligados ao contexto em que foram compostos e não têm qualquer pretensão à imortalidade. Mas talvez por isso mesmo mereçam ser guardados. Sua irresponsabilidade e descompromisso se traduzem em leveza e num certo ar de testemunho de época. Na prática, ocupam hoje o lugar das marchinhas - quem viu "Sassaricando" percebeu como elas, em décadas passadas, cumpriam o papel da sátira, da brincadeira, da crônica. Mais do que um ótimo espetáculo sobre marchinhas, "Sassaricando" é sobre o Rio, de como cariocas aproveitavam o carnaval para falar, de maneira bem-humorada, da cidade e do país.

Esse papel hoje é cumprido pelos blocos e seus sambas, que escrevem nas ruas um quase roteiro de nossas alegrias e sacanagens. Mesmo uma eventual agressividade de uma ou outra letra não deixa de ser um certo reflexo de tempos como o nosso, em que a sutileza tende a perder embates de goleada.

Pelo que sei - e não sei muito -, apenas o Simpatia lançou, há alguns anos, um CD com seus sambas. Acho que alguma instituição - o Arquivo Geral da Cidade ou o MIS - poderia lançar um projeto para recolher, catalogar e mesmo gravar os sambas (tá bom, só os vencedores) que os cariocas têm cantado pelas ruas antes e durante o carnaval. Todos seriam disponibilizados na internet. Não deve sair caro, não precisa de muita burocracia nem de pagamento de direitos autorais. Acho que a Sebastiana - entidade que reúne os blocos da zona sul - toparia ingressar nessa tarefa. "Sassaricando" existe porque as marchinhas foram registradas e gravadas, o que permitiu o trabalho de pesquisa da Rosa Maria Araújo e do Sérgio Cabral. Acho que não custa nada tentar garantir hoje o "Sassaricando" de 2050.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 09:58 0 COMENTÁRIOS  

21 DE JANEIRO DE 2008

## Trabalhadores do samba



Nesta terça, Moacyr Luz leva seu Samba do Trabalhador para o Canecão. Programação: quem já esteve no Renascença ou no Samba Luzia sabe.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 20:47 0 COMENTÁRIOS  

20 DE JANEIRO DE 2008

## Jornada no Engenhão



Zé Carlos comemora seu gol, o primeiro do jogo de sábado passado. O Botafogo venceu por 2 a 0.

Se algum dia virar editor de Esportes vou baixar uma norma na redação: pelo menos um repórter escalado para cobrir um jogo vai entrar no estádio como torcedor. Ou seja: terá que comprar ingresso (pago pelo jornal, claro), encarar fila, roleta, ameaça de briga de torcida; e será obrigado a ver o jogo da arquibancada. Explico: as naturais facilidades oferecidas aos jornalistas credenciados acabam fazendo com que ele não olhe para os bastidores do espetáculo. E é aí que o bicho pega.

Neste sábado fui com meus filhos ao Engenhão ver o Botafogo ganhar do Resende. De cara, uma boa surpresa, que não vi publicada no jornal (tive que, vergonha!, ligar para um assessor de imprensa do time para conferir): o estacionamento do estádio poderia ser utilizado mediante o pagamento de R\$ 10,00. Vale a pena. O lugar é amplo, seguro, a administração foi terceirizada: mas faltou dar uma varrida ali. A quantidade de poeira no chão é assustadora,

havia uma nuvem de pó flutuando no ar: o carro ficou todo sujo. Coitados dos caras que ficaram horas ali, trabalhando, devem estar tossindo até agora.

A entrada no estádio foi tranqüila (chegamos mais de uma hora antes do jogo), mas... A diretoria do Fogão decidiu separar o estádio por setores, cobrando preços diferenciados. Boa idéia. O problema é que falou divulgar um detalhe: ao contrário do que ocorre nas arquibancadas do Maracanã, o torcedor teria, obrigatoriamente, que entrar no estádio pelo portão correspondente ao seu setor. Lá dentro, descobrimos depois, não havia como trocar de lado. Pior: as roletas aceitavam bilhetes independentemente do setor - assim, quem comprou ingresso para, digamos, o setor sul (mais barato), poderia passar seu ingresso pela roleta do oeste (mais caro). E vice-versa. É claro que deu confusão. Dentro do estádio, muitos tentavam trocar de setor e esbarravam nos seguranças que, coitados, não tinham autoridade para resolver o problema. Mas isso, tenho certeza, será resolvido pela diretoria do Botafogo - o Bebeto de Freitas é, de longe, o melhor dirigente do futebol carioca e seus planos para o Engenhão são muito bons (ele promete anunciar novidades nesta segunda).

Ah, uma questão mais grave: foram colocadas placas de publicidade numa lateral e atrás dos gols. OK, é preciso faturar. O problema é que as tais placas impedem a visão da bola de quem estiver sentado nas primeiras filas das arquibancadas. Por "primeiras filas" entenda-se, no barato, as dez primeiras - estava lá de torcedor, não parei para contar, apurar matéria. Mas sei que tive que ir subindo, subindo, subindo até conseguir uma cadeira que me permitisse ver todo o jogo. Quem estava abaixo de mim não viu o drible espetacular que o Jorge Henrique deu no zagueiro do Resende e que resultou no segundo gol do Botafogo. É preciso encontrar uma solução melhor, talvez colocar as placas num local mais longe do campo - por que não naquela faixa até hoje ocupada pelos já anacrônicos símbolos do PAN? O torcedor que pagou o ingresso tem direito de ver o jogo todo.

Bem, no mais, o Castillo tem jeito de ser um goleiro sério e o Ferrero jogou por dois: por ele e pelo Renato Silva, o zagueiro que fumou a maconha mais potente do mundo. Até hoje parece jogar sob o efeito da dita cuja. O Triguinho esteve bem. O Zé Carlos e o Wellington Paulista fizeram gols na estréia oficial, e isso é muito bom.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 13:35 0 COMENTÁRIOS  

17 DE JANEIRO DE 2008

## Binhos

Outro dia citei aqui uma matéria da "Piauí" que trazia nomes de supostos vinhos portugueses. Achei a dita cuja no site da revista. É, na verdade, um cartum do Reinaldo. Muito bom, por sinal. Vejam só se os vinhos a seguir não fariam, numa adega, boa companhia ao "Monte dos Cabaços".

*Cova da Buça, Quinta das Culhoneiras, Nnhenhonha de Trás-os-Fanhos, Adega*

*do Borzeguim Fanchão, Herdade Lariquinha de Chincheiral e Peúgas de Aldrabão.*

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 19:36 1 COMENTÁRIOS  

16 DE JANEIRO DE 2008

## Os sambas que não devem morrer



Na foto, que peguei no blog do Moutinho, o momento em que defendíamos nosso samba, lá no palco do Odisséia

Há mais de dez carnavais que, volta e meia, acabo participando da disputa de sambas de blocos cariocas - em especial, do Imprensa que eu Gamo, fundado e tocado por jornalistas. Já paguei incontáveis micos, coleciono algumas derrotas e duas memoráveis vitórias - ambas, no Imprensa. Na madrugada desta terça, eu e meus parceiros Marcelo Moutinho e Gabriel Cavalcante, o Gabriel da Muda, perdemos a disputa no Imprensa, ficamos em segundo lugar, um placar apertado, três votos pra lá, dois pra cá.

Perder nunca é bom, ainda mais quando achamos que nosso, vá lá, produto, é o melhor, como foi o caso. Um dos autores do samba vencedor escreveu em seu blog que queria, com ele, "chocar a sociedade" - nós, mais modestos, desejávamos apenas ajudar a divertir uma pequena parte dela, aqueles malucos que saem pulando duas semanas antes do Carnaval pelas ruas de Laranjeiras.

Perdemos, perdemos, é do jogo, nada a reclamar. Mas as derrotas em disputas de samba trazem uma questão adicional. Por uma espécie de convenção, uma lógica de respeito ao vencedor, samba derrotado é inapelavelmente condenado a morrer. É uma espécie de aborto ou de morte pós-parto. Pelo que lembro, há apenas uma grande exceção à regra, o "Estrela de Madureira", de Acyr Cardoso e Pimentel, que, derrotado na disputa pelo samba do Império Serrano de 1975, continua a ser tocado em praticamente todas as rodas da cidade. O vencedor ("Baleiro-bala/Grita o menino assim"), quase não é lembrado.



Um livro pode vender pouco, um filme pode ser ignorado pela crítica e pelo público - mas ambos, de alguma forma, cumprem seu percurso. São lançados, exibidos e lido/vistos por um determinado número de pessoas. Nascem, vivem - e ficam ali, devidamente catalogados ou arquivados, preservados em algum modesto cantinho da história e, quiçá, da eternidade. Já o samba abortado, não. Por melhor que eventualmente seja, sobrevive, se tanto, por alguns anos na cabeça de seus autores. Não que haja assim tantas obras-primas entre esse tipo de samba - normalmente são muito ligados à realidade imediata, o que reduz um pouco alguma possibilidade de vida eterna, amém. Mas, caramba, foram todos compostos com dedicação, carinho e algum talento. Esse destino do samba que, se não ganhar, vai se perder, contribuiu para a minha não cumprida promessa de parar de me meter nessa doideira.

E é em protesto contra esta morte prematura, e sem qualquer disposição de levantar polêmica com a decisão da direção do bloco, que jogo aqui arquivos com letra e música do samba que eu, Moutinho e Gabriel compusemos para o Imprensa em 2008. O arquivo sonoro é precário, registrado logo depois que demos a nota final ao samba. Mas vale para a história. Espero que vocês se divirtam.

Obs: não consegui colocar o áudio aqui no blog. Vou tentar mais tarde. Por enquanto, vai a letra.

#### O CIRCO DA TROPA

Gabriel Cavalcante / Fernando Molica / Marcelo Moutinho

O mosquito picou o presidente  
E o nosso Lula amarelou  
Tomou bronca do Hugo Chavez  
Foi-se o gás do Evo Morales  
E no Senado, o tempo fechou

O "seu" Renan  
Esqueceu da camisinha  
Imprensou de qualquer jeito  
E gamou na coleguinha



Relaxa e goza, meu amor  
Por que não se cala e me beija?  
Sem avião pra viajar BIS  
No Imprensa eu vou embarcar

Zé Dirceu tá de telhado novo  
Eu já tô careca de saber:  
Pra virar circo, só falta a lona  
Brasília ou Rio, é a mesma zona

Ô César Maia... pede pra sair!



Quebra esse galho, meu São Sebastião BIS  
Quero um prefeito que não seja fanfarrão!

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 09:18 11 COMENTÁRIOS  

14 DE JANEIRO DE 2008

## Cabaços aos montes

Há alguns meses, a "Piauí" publicou um artigo de humor com supostos - e engraçadíssimos - nomes de vinhos portugueses. Uma pândega. Mas, acreditem, o vinho de que trato neste post existe, é até bem cotado no mercado. E, incrível!, é facilmente encontrável nas boas casas do ramo. Há quem o considerasse quase extinto, mas no entanto, cá está ele, pronto para ser consumido, sem culpa e sem esforço. O mais que tradicional "Monte dos Cabaços":



E não é só: o tal vinho é produzido por uma orgulhosa e - apesar de quem possa sugerir o contrário - bonita proprietária de uma tradicional quinta alentejana. A senhora Margarida Cabaço. Uma raridade, pois (ainda mais pela idade, já deve ter passado dos 40, mole). E o blog, que não pode deixar de ter algum compromisso jornalístico, apresenta a todos a foto de Dona Cabaço - ou seja, a partir de agora, ninguém poderá dizer que não liga o nome à pessoa. O senhor ao lado dela na foto deve ser o insistente e paciente maridão (paciência, sabemos todos, é algo importante na produção de vinhos). Como podem notar, o casal não tem filhos - pelo menos, eles não estão na foto.



Ah, importante, os Cabaços podem ser visitados. Confirmam em [http://dn.sapo.pt/2004/12/21/boa\\_vida/um\\_monte\\_alentejano\\_para\\_descobrir\\_p.html](http://dn.sapo.pt/2004/12/21/boa_vida/um_monte_alentejano_para_descobrir_p.html). Neste link vocês poderão encontrar detalhes para hospedagem na propriedade, aberta (quem diria...) ao turismo. Deve ser divertido, por alguns poucos dias, pelo menos. Depois deve ficar meio chato - os Cabaços não devem ser anfitriões muito, digamos, animados. Consta que são meio fechados, resistentes às investidas de estranhos, não gostam daquele entra-e-sai.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 10:08 2 COMENTÁRIOS  

11 DE JANEIRO DE 2008

## O furo do Tartaglia (com todo o respeito)

Num post abaixo eu disse que corria para ser o primeiro a destacar como o Gabriel da Muda canta bem. Descobri tardiamente que fui furado pelo grande Cesar Tartaglia (confirmam em [http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/frontdorio/post.asp?t=habemus\\_cantor&cod\\_Post=83479&a=5](http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/frontdorio/post.asp?t=habemus_cantor&cod_Post=83479&a=5) . Nenhum problema, muito pelo contrário. Mesmo no mundo virtual é preciso respeitar o vale o escrito.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 09:24 0 COMENTÁRIOS  

9 DE JANEIRO DE 2008

## Overdose de notícias

De tédio é que jornalista não morre aqui no Rio. Na semana passada eu estava na entrada da ilha do Fundão entrevistando uma baleada no réveillon de Copacabana quando um sujeito passou por mim e avisou que uns duzentos metros ali na frente, na entrada do campus da UFRJ, um homem havia sido atropelado - e o socorro estava demorando a chegar. Terminada a entrevista, passamos por lá, a ambulância estava recolhendo a vítima, ainda deu pra fazer algumas imagens. Logo depois seguimos para a praia de Copacabana, para completar a matéria sobre os tiros que mancharam a virada do ano na cidade. Por volta das 21h, estávamos na areia, ao lado do palco dos shows, quando passou um casal vindo da direção do mar: a mulher chorava, queria encontrar um PM; eles, turistas vindos de Juiz de Fora, tinham acabado de ser assaltados. Saí da redação para fazer uma reportagem, esbarrei em outras duas.

Ontem fui fazer matéria sobre uma bala que, perdida, achou por bem cair num apartamento no Alto Leblon. Enquanto estava lá, soube de outra notícia: uma segunda bala sem direção tinha quebrado a janela de um apartamento em Copacabana. A reportagem ganhou importância, seria sobre duas balas perdidas na zona sul do Rio. Corremos pra lá. No caminho, já em Copa, tropeçamos em outro fato. Paramos o carro para perguntar a um guarda

municipal a localização da rua em que ficava o prédio atingido pelo tiro. Mas antes mesmo de fazermos qualquer pergunta, o guarda olhou o carro de reportagem e foi avisando: "É na Ronald de Carvalho!" Como assim? Nosso destino era outro: "O senhor sabe onde fica a rua tal?" Ele sabia. Em seguida, perguntamos o que tinha acontecido na Ronald de Carvalho. "Tá cheio de polícia lá, invadiram um frigorífico que tem carne roubada, uma confusão danada. É bom vocês irem até lá", aconselhou. A história não era bem essa, mas havia mesmo outra notícia esperando para ser reportada.

Pra não dizer que só falei do Rio: na semana passada li, na coluna do José Sarney, na *Folha*, uma informação que não li, vi ou ouvi em nenhum outro lugar: segundo o ex-presidente, 34 pessoas foram mortas na passagem do ano em Salvador. Por que isso não foi noticiado nacionalmente, hein? Será que o repórter Sarney errou?

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 18:09 0 COMENTÁRIOS  

8 DE JANEIRO DE 2008

## Brasil, cansamos?

Será que nos cansamos do Brasil? Dia desses, conversando com o Antônio Torres sobre as, de um modo geral, baixas vendagens de livros brasileiros de ficção, ele, meio irritado com ôba-ôba em torno de Cabul, disse algo bem interessante: o Brasil estaria deixando de ocupar o imaginário dos brasileiros. Ou seja, estaríamos pouco dispostos a sonhar com o que nos cerca. Seríamos assim capazes de nos transportamos para a Turquia, para a Índia, para o Afeganistão, para outros territórios remotos que escondem segredos guardados por gente de nome esquisito. Mas estaríamos meio refratários à idéia de compartilhar dramas, sonhos e desejos com Josés, Marias, e, numa concessão aos novos tempos, Dayannes e Jeffersons. É um fenômeno curioso, já que livros sobre aspectos da história do país se revezam nas listas de mais vendidos.

Nos últimos 50 anos, o Brasil passou por vários momentos de "agora vai": governos JK e Jango, o tal do milagre brasileiro forjado na ditadura, a luta contra a própria ditadura, a expectativa pelos dias melhores que viriam com a redemocratização, as eleições para governadores, as diretas já, a constituinte, a eleição do presidente, os governos FHC e Lula. Alguma coisa disso teria que ter dado certo, né? Mesmo durante a ditadura havia a perspectiva de uma grande melhora do país, sonhávamos com isso, acreditávamos nisso. E talvez isso nos fizesse mais interessados no Brasil, nos seus destinos, nos seus escritores, nos universos que eles criavam. Livros de autores como Rubem Fonseca, Ignácio de Loyola Brandão, Márcio Souza, Antonio Callado e Antônio Torres eram de leitura quase obrigatória - lançado em 1976, o "Essa terra", do Torres, vendeu muito logo de cara, está na 15ª edição! Será que chegaria a tanto se fosse publicado hoje?

De certa forma, dava gosto sonhar com o Brasil. Hoje, sei não. O país

melhorou, claro, mas muito menos do que imaginávamos. Quase no fim na da primeira década do século 21 ainda discutimos questões básicas, como ensino público de qualidade. Ficamos meio naquela história medíocre da "utopia possível" sintetizada pelo FHC - que, tempos depois, diria que "o Brasil é isso mesmo". Isso justifica até mesmo a transformação do PT num grande PMDB. O que que isso tem a ver com literatura? Pode ter a ver. Cansado de esperar o tal dia que nunca chega, o leitor pode ter decidido sonhar com mundos mais interessantes e fascinantes, e tome Cabul. E aí é que nos ferramos, autores ou não. As pessoas, mais do que pouco interessadas na literatura brasileira, estariam desinteressadas do Brasil, não necessariamente do país real, palpável, mas daquele que as poderia encantar.

Em tempo: segundo a *Ilustrada* deste domingo, "O caçador de pipas", lançado no Brasil em 2005, já vendeu 1,6 milhão de exemplares por aqui. "Cidade do sol", outro livro do Khaled Hossein, já está nas estantes de 550 mil brasileiros.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 20:13 1 COMENTÁRIOS  

6 DE JANEIRO DE 2008

## Gabriel, o cantador



Pra não desperdiçar a chance de, daqui a uns poucos anos, poder dizer que fui o primeiro a escrever sobre isso. O cara da foto aí de cima é exagerado em tudo: na pouca idade (inacreditáveis 21 anos), na sede (bebe direitinho, o rapaz), no peso (três dígitos, fácil), no mau gosto (fez tatuar numa das pernas o escudo daquele time da Gávea, um negócio horroroso), no ótimo gosto (conhece todos os sambas compostos em todos os tempos). E, principalmente, toca muito bem cavaquinho e é um excelente cantor. Vozeirão de gente grande; é afinado, capaz de se sobressair no meio da mais confusa roda de samba. O nome dele é Gabriel Cavalcante, o Gabriel da Muda, presença quase obrigatória nos melhores sambas da cidade. Está sempre ao lado do Moacyr Luz em pelo menos duas ótimas rodas cariocas: o "Samba, Luzia!", às sextas à noite, ali perto do Santos Dumont, e, às segundas à tarde, no "Samba do Trabalhador", no Renascença. Também bate ponto quinzenalmente na rua do

Ouvidor, na roda promovida pela livraria Folha Seca e pelo restaurante Antigamente. Ele já registrou sua voz no CD "Samba do Trabalhador", mas já tá na hora dele gravar um disco solo. Ah, ele e o meu colega Eduardo Carvalho têm um o blog, o Samba, boemia e vagabundos!, em <http://sbvagabundos.blogspot.com/> .

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 13:10 0 COMENTÁRIOS  

3 DE JANEIRO DE 2008

## Rodrigues & Bolaño



Sérgio Rodrigues, outro colega em dobro - jornalista e escritor -, teve seu ótimo conto "O homem que matou o escritor" incluído na revista eletrônica de literatura internacional "Words without borders":

<http://www.wordswithoutborders.org/index.php> . Entre outros autores selecionados está Roberto Bolaño, o que revela o nível de exigência da revista. Vale passear por lá, mas o melhor é ler o livro inteiro, em português, lançado em 2000 pela Objetiva.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 22:09 0 COMENTÁRIOS  

2 DE JANEIRO DE 2008

## Dicró



Trabalhar no dia 31 de dezembro não é exatamente um prazer. Fazer matéria, debaixo de sol - e que sol! - no Piscinão de Ramos, não chega a ser algo que peçamos a Papai Noel. Mas é do jogo. E acredite: pode ser divertido. Isso quando se tem o prazer de entrevistar o DiCró, grande sambista, expoente

do que há alguns anos se chamava de *sambandido*. O cara é muito engraçado. Capaz de, em menos de cinco minutos, despejar algumas pérolas para o repórter encharcado de suor. Ele discorria sobre as maravilhas do réveillon à beira-piscinão - e elencou as vantagens da festa em relação àquelas que ocorreriam do lado de lá do túnel:

1. "No piscinão não entra mulher com celulite."
2. "O melhor da festa vai ser a minha sogra fazendo striptease."
3. "Vou cantar até de manhã... se a polícia não chegar. Mas, tá tudo certo, tá tudo no arrego, não vai ter problema não."
4. "Vou cantar em vários idiomas, em inglês, francês, alemão. Aqui vem muito turista, até porque é mais perto do aeroporto internacional."

Depois de soltar as frases, ele cantou um trecho de um de seus sucessos, a "Melô da galinha", de Pedrinho da Flor.

*Você sai de casa igual a uma bonequinha  
Toda alinhada, maquiada, cheirosinha...  
Mas lá na esquina o povo sempre diz que você é galinha  
Você não tem bico, não tem pena, não tem asa  
Não entendo nada por isso fico na minha  
Só sei que na esquina o povo diz que você é galinha*

Não é lá muito politicamente correto. Mas é engraçado pacas. O clipe da música está em <http://www.youtube.com/watch?v=r06WDju36hU> .

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 15:01 1 COMENTÁRIOS

2 DE JANEIRO DE 2008

## Liberdade para a menina C.!



Para não cometer nenhuma infração ao Estatuto da Criança e do Adolescente, vou omitir o nome da menina que inspira esta crônica. Menina que se impõe - aos berros - ao texto. Explico: a C. é minha vizinha, mora num prédio ao lado do meu, deve ter uns 5/6 anos de idade. E, desde que era um bebê, chora e grita muito. Por problemas acústicos, tudo o que é sussurrado em seu apartamento é ouvido aqui em casa. Imagine o que acontece quando se grita por lá. E olha que se grita muito. Tanto que me vi obrigado a comprar um



aparelho de ar-condicionado para o meu escritório. Sem ele, sem fechar as janelas, jamais conseguiria ter escrito o "O homem que morreu três vezes" - o relato das aventuras do meu curioso personagem naufragaria diante dos gritos da C. e, principalmente, dos berros de sua mãe.

A mãe, o X da questão. A mãe da menina grita o tempo todo com ela - desde que a C. era bebê. E tome de "C. não faz isso!", "C. sai daí!", "Pára com isso C.!", "C. você me enlouquece!", "Já pro castigo, C.!". Já pensei em sair grudando nos postes e nos muros da rua cartazes pedindo liberdade para C. A mãe dela deve ser veterana do Desipe, ex-carcereira, sei lá. A mulher enche o saco da filha, o tempo todo. Nunca a ouvi propor algo como uma ida ao parquinho, à praia, ao cinema. Nada de chamá-la para tomar um sorvete, um suco ali na esquina. A mulher só reclama. E a filha, claro, aprendeu a conviver com os gritos e - céus! - a reproduzi-los. A C. também só fala aos berros, e que voz potente tem a menina! Uma berra daqui, a outra responde dali. E tome birra, choros, esganiços. A compra, no Natal, de uma piscininha de plástico, acabou com o que restava de calma por aqui. Dava pra acompanhar, pelos diálogos, toda a movimentação na casa, as evoluções aquáticas da criança: o apartamento delas tem uma área externa, local de confraternização familiar e de sonoros e eventuais churrascos.

Bem, espero que em 2008 a mãe de C. encontre aquela paz tão citada nos votos de felicidades para os anos vindouros, que tenha um pouco mais de tranquilidade nas suas relações com o mundo e, principalmente, com a filha. Que aprenda que não é necessário berrar o tempo inteiro. Talvez, neste silêncio, consiga descobrir virtudes na filha, tenha mais prazer na convivência com ela. E, quem sabe?, possa sacar como é bom poder desfrutar da companhia de um filho. Torço para ouvi-la convidar a filha para algo que não seja uma ida ao castigo. Vai ser bom para ela, para a C., para seus vizinhos.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:05 1 COMENTÁRIOS  

30 DE DEZEMBRO DE 2007

## Páginas amarelas (4) O ano da bossa

O texto que está abaixo foi publicado no dia 19/12/90, na *Folha*. Era uma crônica sobre o show ocorrido dois dias antes, no Scala 2, no Rio, em homenagem ao cantor Lúcio Alves - na época, muito doente. A arrecadação do espetáculo seria para pagar seu tratamento. O show foi espetacular, apesar da previsível ausência de João Gilberto. Republico o texto para fechar 2007 e abrir 2008, quando serão comemorados os 50 anos da bossa-nova.

Mas o mesmo mesmo é clicar no link

<http://www.youtube.com/watch?v=DmV0TcTNJ3o>, ele leva ao Youtube, a uma interpretação espetacular de "Garota de Ipanema" feita por Tom & João. Feliz Ano-Novo, que ele seja compatível com o espírito da bossa-nova. Sem saudosismo, claro, mas com esperança de tempos mais delicados. Um ano cheio de bossa.

**Músicos fazem show saudosista no espírito bossa-nova**



Fernando Molica  
Da sucursal do Rio

*Bem que Agnaldo Timóteo, com a sutileza de um porta-aviões nuclear, tentou arrebentar o delicado cais destinado aos barquinhos da bossa-nova. O diretor musical do show, o pianista Alberto Chimelli, também ameaçou acinzentar com uma tempestade "fusion" o céu azul das canções regidas pela trindade sol-sal-sul. Mas Tom Jobim, Os cariocas, Tito Madi, Sebastião Tapajós, Doris Monteiro, Miltoninho, Caetano e Leny Andrade souberam tomar o leme e fazer o show em benefício de Lúcio Alves navegar em águas compatíveis com o estilo do homenageado.*

*Claro, o saudosismo foi inevitável, Tito Madi chegou a cantar uma música que fala de um Rio "que saiu dançando amor"; Caetano Veloso pescou "Fim de semana em Paquetá" - exemplos de uma cidade cuja sutileza foi fundamental para gerar um movimento como a bossa-nova. O Rio hoje está mais para a voz peso-pesado de Agnaldo Timóteo e a decadência expressa nos espelhos e dourados do cenário do show, o Scala 2, no Leblon, zona sul do Rio.*

*A beleza das canções e a qualidade de seus intérpretes permitiram que o show não se restringisse a um exercício de arqueologia musical. Os acordes de Tom Jobim, a afinação de Tito Madi, a técnica de Tapajós, os audaciosos arranjos de Os Cariocas e os improvisos de Leny Andrade demonstraram, mais uma vez, que a bossa-nova driblou os riscos da velhice e se colocou na posição dos clássicos. Prova de sua vitalidade é que continua a influenciar muita gente no Brasil e o exterior - a atual fase acústica de Caetano, um dos mais ousados artistas contemporâneos, não deixa de ser resultado de uma visita a essa fonte bossa-novista. E é esta condição clássica que vai permitir que a bossa-nova exista mesmo depois deste discreto modismo nostálgico gerado pelo livro "Chega de saudade", de Ruy Castro.*

*No show, a bossa-nova foi mais um referencial. Alguns dos artistas que se apresentaram começaram antes de João Gilberto, no final dos anos 50, revolucionar a música brasileira. Quase todos, porém, entraram no clima da bossa-nova. Até mesmo as piadas do apresentador Ivon Cury ajudaram a criar este ambiente meio maroto e elegante, cool, como se dizia há alguns poucos anos.*

*O, digamos, impacto da presença de Agnaldo Timóteo cantando "Por causa de você" foi neutralizado, em seguida, por Tom Jobim. Depois vieram Caetano, e Os Cariocas. Esses conseguiram injetar cheiro de mar até na paulistíssima "Sampa". Ah, teve também Cauby Peixoto, que entrou cantando "Conceição" e fechou sua parte com "People". Nada disto é bossa-nova, mas, depois de Agnaldo Timóteo, até que pareceu muito natural.*

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:36 0 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: PÁGINAS AMARELAS

28 DE DEZEMBRO DE 2007

"Seu" príncipe



D. Pedro Gastão, 94, o neto da princesa Isabel que morreu no dia 27 na Espanha, era uma figuraça. Nascido na França - a família real estava no exílio desde o golpe que proclamou a República -, ele morou muitos anos em Petrópolis num palácio, o Grão-Pará, anexo ao Museu Imperial. Adorava cavalgar pela cidade, onde era chamado de "seu príncipe". Estive com ele, creio, umas duas vezes, para entrevistas sobre a possibilidade do retorno da monarquia. Ele era engraçado, charmoso, irônico. Dizia que não gostava de revelar o nome do seu cavalo preferido - "Fardado". "Naum fica bem parra um príncipe andarr porrr aí chicoteando um 'fardado'..." - justificava, com seu forte sotaque francês.

O sotaque e a idade fizeram com ele fosse afastado da campanha pela monarquia na época do plebiscito sobre forma e regime de governo, em 1993. Ele ficou chateado com sua exclusão - até porque, na época, andaram espalhando que a escravidão voltaria com a eventual vitória dos monarquistas. Para ele, nada melhor que um neto da princesa Isabel para garantir que o boato era completamente absurdo.

Grande contador de histórias, só se referia ao rei Juan Carlos, da Espanha, como "meu sobrrrinho". Afinal, d. Pedro era casado com d. Esperanza de Bourbon, tia do rei. O saudoso e querido amigo Cláudio Lacerda contava uma ótima história do d. Pedro Gastão. Segundo ele, o príncipe soubera que uma professora de Petrópolis andava ressaltando em sala de aula o apetite sexual de seu trisavô, o imperador d. Pedro 1o. D. Pedro Gastão foi então à escola, conversou com a turma, com a professora, concordou que o antepassado era mesmo um grande conquistador. E concluiu:

- Só esperro que a senhorra naum tenha esquecido de dizer aos alunos que ele proclamou o independência de Brrasil...

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:03 2 COMENTÁRIOS  

## Montanhas



Lagoa, 24/12/07.

*O poente na espinha  
Das tuas montanhas  
Quase arromba a retina  
De quem vê*

("Carioca", Chico Buarque)

Foto do pôr-do-sol é um grande chavão (ainda mais depois de um post elogiando Roberto Carlos...). Mas a beleza do cenário justifica.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 09:02 0 COMENTÁRIOS  

27 DE DEZEMBRO DE 2007

## O rei e eu

Dia 25 foi dia de Rei. Aos primeiros acordes de "Emoções", minha mulher reclamou: "É tudo igual!" "É claro que é, assim que é bom", retruquei. Em seguida, na hora do "Detalhes de uma vida/histórias que eu contei aqui", previ: "Agora o arranjo vai fazer a citação de 'Detalhes' ". Fez, claro. Ainda anunciei lá pela quarta música: "Vai entrar um *break*." Nos especiais de Roberto Carlos, até a hora do comercial é previsível.

Mas como é possível se elogiar tanto algo tão repetitivo? Boa pergunta. Tenho lá algumas pistas. Roberto Carlos foi a trilha sonora da minha infância, eu tinha quase todos os seus discos. Depois, nos afastamos: adolescente não poderia gostar das breguices reais. Alguns anos depois, ele piorou: música pra caminhoneiro, pra mulher pequena, pra mulher míope; uma outra, oportunista que só ela, pegava carona na onda verde-amarela da Nova República. Argh! Mas, no primeiro Rock in Rio (é, eu o cobri), tremi pacas ao fazer rápida entrevista com o rei, que tinha ido à Cidade do Rock assistir à desastrada apresentação do Erasmo Carlos.

É terrível dizer isso, mas, de uma certa forma, o drama e a morte de Maria Rita reconectaram RC a grande parte de seu público. Ele ressurgiu dos infernos cheio de feridas e dúvidas. Voltou menos carola, mais humano e, talvez por isso, mais real (real aí nos dois sentidos). Tão humano que cometeu a burrice de proibir o ótimo "Roberto Carlos em detalhes", biografia escrita pelo fã Paulo Cesar de Araújo. RC desconhece o quanto o livro é bom e importante, quanto o celebra. O relato de suas tragédias pessoais - o acidente que lhe custou uma perna, a cegueira do filho, as mortes da ex-mulher e de Maria Rita, a descoberta do TOC - o torna mais próximo de seus, vá lá, súditos. Arrisco dizer: são dramas que, acompanhados que foram pela população, deram aquele tom de tragédia sempre presente nas grandes sagas de famílias reais. Lembro que a história da perna sempre foi um segredo ridículo: até em Piedade todo mundo sabia, mas ninguém falava nisso em público. Os problemas de saúde do filho e de Maria Rita foram acompanhados como novela - o próprio RC nunca os escondeu. É meio complicado quando ele, agora, vem pedir respeito à sua privacidade.

Aos trancos e barrancos, RC construiu uma história de identificação com boa parte do público brasileiro. De certa forma, ele nos joga na cara que somos sim meio bregas, que - de vez em quando - gostamos de arranjos gradiloqüentes, de versos meio óbvios, de um bolerão. Como diz Antônio Torres, sertanejo e especialista em Brasil: samba é música de centro urbano, o país como um todo gosta mesmo é de bolero. Tentando resumir: talvez RC nos diga, a cada fim-de-ano, que não somos tão bons como gostaríamos de ser, que não conseguimos superar nosso carinho por aquelas canções. É possível que esse amor seja também, mas não apenas isso, uma prova de um fracasso, de uma rendição à mesmice. Mais: um indício de que o país não mudou tanto assim nos últimos 40 anos. Deprimidos com a falência de nossos sonhos de redenção, de superação do atraso (econômico, social e mesmo estético), simbolicamente nos sentamos naquele bar vagabundo de beira de estrada e pedimos mais do mesmo. Pode ser, mas é também algo que nos recoloca em contato com nossas histórias, com nossas limitações. O RC ali, no fim de cada ano, dá uma idéia de permanência, o que não é pouco, num país que muda tanto. Mudamos e permanecemos - e não deixa de ser emocionante ver o rei, já meio velhinho, tendo que recorrer a monitores colocados no palco para não esquecer as letras das músicas. Reis também envelhecem.

Ah, ele não cantou "Detalhes". Imperdoável. "Até os erros do meu português ruim" é um verso comparável à narrativa do band-aid que Aldir Blanc colou no calcanhar da melodia de João Bosco.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:11 0 COMENTÁRIOS  

25 DE DEZEMBRO DE 2007

Páginas amarelas (3) - Escolas de samba

*O texto abaixo foi publicado em 1994, no caderno Mais!, da Folha de S.Paulo. Era uma tentativa de reflexão sobre as relações entre as escolas de samba, suas comunidades de origem e a presença, nos desfiles, de muitas e muitas pessoas externas a esse universo. Achei legal publicá-lo aqui depois que li, no blog do Aydano André Motta (<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/chopedoaydano/>), um relato de cortar o coração sobre o ensaio do Império Serrano no sábado passado. No texto, o Aydano fala em "neófitos do samba", que migram de quadra "segundo a moda". Nada contra, claro - os ensaios são abertos, cada um tem o direito de escolher seu local de diversão. O que assusta é a possibilidade das escolas dependerem cada vez mais deste público de arribação. Enfim, nem sei se concordo com tudo que escrevi há quase 14 anos. Mas, em plena ressaca natalina, é melhor republicá-lo do que tentar uma nova reflexão. Feliz Natal! Ah, o título foi da redação da Folha, não concordo muito com ele...*

20/02/94

## Escolas cariocas viram cordão de turista

FERNANDO MOLICA

Da Sucusal do Rio

Talvez sem querer, Gilberto Gil forneceu régua e compasso para a discussão em torno da eventual presença excessiva nas escolas, em especial, na Mangueira, de pessoas de fora do mundo do samba. Ele foi ao ponto ao detectar o que chamou de "caráter devocional" do desfile e ao citar o aspecto ritualístico da manifestação. Este rito e esta devoção estão, como ele também citou, ligados à luta das comunidades onde as escolas foram geradas. Estas características é que definem os limites da expansão do desfile. As escolas podem fazer tudo, mas não podem perder a fonte que as alimenta e legitima. O fundamental é manter o desejo de uma comunidade em se fazer representar com dignidade. A Beija-Flor, a Mocidade e a Imperatriz - os melhores exemplos de escolas que desabrocharam a partir da atuação de bicheiros/patronos - já existiam muito antes de serem adotadas. Os bicheiros não criaram estas escolas de samba. Foram em busca delas para tentar absorver um pouco da legitimidade que expressavam. Alguns bicheiros, como "Capitão Guimarães", foram menos sutis e acabaram rejeitados. Guimarães entupiu a Vila Isabel de dinheiro, mas acabou perdendo o poder na escola, campeã em 88 já sem a incômoda presença do patrono. Assim como os bicheiros, as iniciativas que visam dar um suporte empresarial às escolas têm de saber respeitar seus limites. Não podem se arvorar em substituir os poderes acumulados ao longo de - no caso da Mangueira - quase 60 anos. Mesmo que as agremiações tenham crescido e transcendido os limites de suas comunidades originais, a presença majoritária no desfile de pessoas a elas ligadas é fundamental para manter este elo que garante a sobrevivência da agremiação. Os bicheiros mais esclarecidos sabem disto: tanto que, para garantir um bom padrão de desfile e manter sua popularidade passaram, cada vez mais, a investir na compra de fantasias para os componentes que não teriam como adquirí-las - os antigos integantes das escolas estavam engrossando apenas uma ala, a "da força", eufemismo que caracteriza os empurradores de carros alegóricos. Uma escola perde sua função se não for mais vista como representante daqueles que a construíram e sim como um play-ground de aluguel ao alcance de quem tenha dinheiro para comprar uma

fantasia. Escolas que são, não sobrevivem com um número excessivo de alunos que comparece apenas na festa de formatura com um diploma comprado nas mãos exibindo o ar bobo de quem enche a boca para dizer que é Mangueira ou Portela, mas que sobe ao morro apenas na condição de sequestrado. O ritual do desfile se completa com a presença, entre o público, de pessoas que cresceram aprendendo a gostar daquele espetáculo e que não tem vergonha de ouvir samba fora do carnaval. Fruto do crescimento e institucionalização dos desfiles, o sambódromo não pode ser um gueto para cariocas, mas, ao contrário do que afirmou o presidente da Riotur, José Eduardo Guinle, não foi feito principalmente para os turistas. Gil falou em devoção e ritual. As religiões criaram, ao longo de milênios, cerimônias belíssimas que atraem e fascinam o mais renitente ateu. Estas religiões, porém, morreriam se transformadas em macumba para turista. Elas precisam de fiéis que não apenas vejam, mas que compartilhem seu ritual.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 13:21 0 COMENTÁRIOS  

24 DE DEZEMBRO DE 2007

## Páginas amarelas (2) - Tom & João

*Esta reportagem, que abre no blog as homenagens aos 50 anos da bossa-nova, tem uma história curiosa. Em dezembro de 1992, a Brahma promoveu no Teatro Municipal do Rio um reencontro entre João Gilberto e Tom Jobim: havia muito tempo que eles não dividiam o mesmo palco. A participação de Tom no show de João seria o ponto alto do espetáculo e sequer chegou a ser divulgada. Poucos dias antes, a Folha de S.Paulo recebeu uma proposta interessante: dois de seus repórteres seriam colocados nos bastidores do show. Um seria o garçom do João Gilberto no Municipal; o outro assistiria, sem se identificar como jornalista, ao ensaio entre os dois grandes da bossa-nova. Fiquei com medo de derrubar café-com-leite no João, a condição de fã do baiano potencializaria minha já preocupante condição de desastrado. O Plínio Fraga assumiu o cargo de garçom e eu virei aspone de um sujeito que teria acesso ao ensaio, que ocorreria numa suíte do Caesar Park de Ipanema. No dia 09/12/92, a Folha publicou o texto abaixo:*

## Apresentação teve ´ensaio secreto´ no domingo

### Cantores se encontraram no Caesar Park do Rio

Chega de saudade: depois de muitos anos - seis ou 15, as versões são conflitantes - João Gilberto e Tom Jobim voltaram a se encontrar no domingo. Nada de abraços e carinhos sem ter fim: sorrisos, um aperto de mão, um arrastado "Oi, Tom". Na véspera, João e Tom haviam conversado por uma hora e meia por telefone.

O encontro foi às 18h30 na suíte do 12o. andar do hotel Caesar Park, em Ipanema, zona sul, onde João passou a semana que antecedeu ao show do Municipal. Acompanhado da mulher, Ana, Tom chegou às 18h20. João havia



saído.

Ao chegar à suíte, Tom se decepciona ao ver o piano elétrico reservado para o ensaio. Calça branca, camisa larga branca e amarela, chapéu de palha, balança a cabeça ao tocar alguns acordes. "Não dá", diz. Entre uma nota e outra, desiste de acender o charuto. "O João vai ficar zangado", justifica. Nisto, chega João. Cumprimenta Tom e Ana, lamenta a quebra da alça da caixa de seu violão e reclama do ar-condicionado. Preocupado com o show, João não dormia havia três dias - preocupação semelhante o fizera pedir, por três vezes, o adiamento da apresentação de anteontem, que estava prevista para agosto.

Ainda na suíte, João canta "Chega de Saudade", que viria a abrir o bis no show. Decepcionado com o piano, Tom sugere que o ensaio seja em sua casa, o que é aceito por João. À espera do elevador, um silêncio constrangedor. Tom quebra o gelo: elogia a participação de João no comercial da Brahma e critica a "world music". João concorda com um muxoxo.

No hall, Tom caminha na frente, João, de paletó cinza e tênis brancos, vai mais atrás, agarrado ao violão: passo tímido, quase caipira, pés um pouco virados para dentro. Atravessam o vidro da portaria do hotel e encaram, um ao lado do outro, a claridade de Ipanema. Vistos de costas, são personagens de uma não-realizada foto histórica: as duas silhuetas em contraluz emolduradas pelo mar de Ipanema.

O ensaio durou três horas. Anteontem, às 20h20, eles voltaram a ensaiar no Municipal. Já havia uma certa cumplicidade. Tom cantava uma brincadeira com o nome do parceiro de palco: " Viva o João Gilberto/ Viva o João do Prado/Vivia o João Gilberto Pereira de Oliveira."

João estimulava Tom a improvisar mais em "Chega de Saudade": "Faça como quiser, Tom", dizia, sentado a seu lado, em uma ponta do banco do piano. Pode ter sido o reinício de uma bela e produtiva amizade.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 10:58 0 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: PÁGINAS AMARELAS

23 DE DEZEMBRO DE 2007

**A vila de Piedade**





A vila é essa aí, ó. A foto é de hoje, 23 de dezembro. As casas cresceram, ganharam andares, perderam as fachadas originais. Não havia as grades e muros que delimitam as calçadas. Mas continua sendo um bom lugar. Ao fundo, o prédio onde morei.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 17:27 0 COMENTÁRIOS  

22 DE DEZEMBRO DE 2007

## Natais de Piedade (2)

Quem tem por volta de 30/35 anos - ou menos - não tem idéia do impacto causado pela invenção do termômetro de peru. Ou do peru com termômetro, como queiram. Trata-se daquele dispositivo de plástico vermelho, enfiado na carne da ave, que indica o momento em que a dita cuja pode ser retirada do forno: o "apito", como se costumava dizer (ainda que tal dispositivo não emita nenhum som. A emissão de som por um peru acabaria de vez com qualquer resquício de sobriedade que se deseja numa ceia de Natal).

Mas, crianças, acreditem: os perus não nascem com aquele, vá lá, "apito". O tal objeto é colocado nas aves que passam por um processo industrial, que também inclui a adição de temperos. Tudo para acabar com o drama que tornava ainda mais tensos os dias que antecediam o Natal. Até onde me lembro, não havia, na vila dos meus avós, em Piedade, uma espécie de perucídio natalino. Os perus não eram mortos ali. Lá pelo início da segunda quinzena de dezembro, as donas-de-casa iam ao aviário (ficava na avenida Suburbana, creio) para escolher o seu peru. "É aquele ali, aquele gordinho." No dia 23, ou no próprio dia 24, o peru era morto e entregue à dona, que o levava para a padaria, onde ele seria assado. Entenderam? Perus eram assados na padaria, não nas casas. Não sei se os perus da época eram maiores, se não cabiam nos fornos domésticos, se exigiam mais calor, se consumiam boa parte do gás armazenado nos botijões domésticos. Mas lembro que era difícil determinar o ponto exato em que o peru ficaria pronto. Nas poucas casas que assavam seu próprio peru eram formadas juntas de especialistas, vizinhas

eram chamadas a opinar. Dava muito trabalho cuidar do peru natalino, daí a opção pelo forno da padaria.

Foi assim até meados da década de 70, quando uma empresa - a Sadia, creio - inventou o peru temperado e com o tal do apito. Claro que o apito - um negócio que pulava do peru e que, ainda por cima, era vermelho - fez nascer uma nova geração de piadas em torno das acepções da palavra "peru". Piadas que eram repetidas a exaustão e que ganhavam novo fôlego a cada rodada de "Sangue de boi" ou de champanhe (sim, champanhe, champanhe nacional, espumante é termo etilicamente correto do qual nunca tínhamos ouvido falar) George Albert ou Peterlongo.

Não, esqueçam: não há a menor chance de encerrar esta crônica com uma frase de caráter nostálgico que apóie a simplificação do ritual do preparo do peru e que denote algum tipo de saudade da poesia dos perus de outrora. Que mané saudade de peru! Eu, hein.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 10:58 3 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: NATAL

21 DE DEZEMBRO DE 2007

## Natais de Piedade (1)

Quem é do Rio sabe, ou deveria saber: Piedade é um subúrbio *da Central*, ou seja, é cortado pela linha férrea da antiga Central do Brasil. É que lá que fui criado, é de lá que vêm minhas memórias das festas de fim-de-ano. As noites de 24 e 31 de dezembro eram sempre passadas na vila onde moravam meus avós e onde, até hoje, vivem dois de meus tios.

Quando eu era criança, lá em Piedade, achava esquisitos os desejos de "bom Natal pra você". Repare: "bom Natal", e não "feliz Natal". Esta é expressão de anúncio de TV de cartões de boas festas; as pessoas, pelo menos em Piedade, desejavam um "bom Natal". É mais modesto e razoável: felicidade é algo mais amplo, difícil de classificar, de checar: será que este é um Natal feliz? Estou feliz agora? Não é simples responder. É bem mais fácil avaliar se aquela festa, a reunião familiar, está sendo boa ou não. Se a comida está boa, se os presentes são razoáveis.

E eu, na falta de algo melhor para fazer, conseguia implicar com aquele negócio de "bom Natal" pra cá e pra lá. Na minha cabeça - desde então já meio complicada, admito - fazia mais sentido direcionar os tais votos para o ano que estrearia dali a pouco do que reduzir a aposta para uma simples noite - a de 24 para 25. A relação custo-benefício era mais evidente: os bons tempos, se concretizados, se alastrariam por um ano inteiro, não apenas por algumas horas. Sim, poucas: pelo menos lá em Piedade, a celebração do Natal herdara das comemorações de Ano-Novo uma certa lógica da virada, o Natal era algo que ocorria entre as oito da noite do dia 24, quando íamos para a vila dos meus avós, e, no máximo, as duas da madrugada seguinte. Neste espaço de tempo, comíamos, bebíamos, abríamos presentes. Dia 25 era apenas uma conseqüência, uma suíte, para usar um jargão jornalístico: não dava pra achar muito especial um dia em que o almoço chegava em forma de peru frio

desfiado, acompanhado de farofa gelada e maionese (por "maionese" entenda-se salada de batata afogada na maionese propriamente dita).

Também achava estranhas as manifestações de depressão que ocorriam naquele curto intervalo de tempo - eram mais concentradas, geralmente afluíam por volta da meia-noite. Hora em que batia em muita gente a sensação de que mais um ano fora perdido. O *mea-culpa* natalino explodia em choro, em pedidos de desculpa, em promessas de vou mudar, a senhora vai ver só. Não mudava, claro: no ano seguinte, o sujeito repetia a mesma cena. Esta é uma das imagens mais marcantes de meus Natais: era a noite em que, todo ano, a expectativa do Papai Noel era substituída pela certeza da *performance* de um sujeito meio bêbado que parecia incorporar o *Ébrio* de Vicente Celestino naquela vila suburbana. Desculpas pedidas, ele entrava numa espécie de hiato vital: era como se não vivesse aquela semana entre o Natal e o Ano-Novo. Ficaria como que na muda. Na festa do dia 24, ele pediria perdão pelas besteiras feitas a partir de 1o. de janeiro anterior; na vindoura, a do dia 31, se encheria de esperança para gritar que dali pra frente, tudo seria diferente. Não seria, claro, mas quem haveria de estragar a rendenção e os sonhos alheios? Caramba, estávamos no Natal, não dava pra cortar assim a certeza de quem imaginava amananhecer e constatar que seu sapatinho estaria cheio de doses cavalares de juízo.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 09:09 0 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: NATAL

18 DE DEZEMBRO DE 2007

## A rosa de número 6.001

No plantão do último fim-de-semana acabei indo cobrir o tiroteio entre policiais e bandidos na Mangueira. Estive no local e, depois, já no fim da noite de sábado, fui para o Souza Aguiar, para onde tinham sido levados dois feridos, duas vítimas de balas classificadas como perdidas: a menina Fabiana, de 11 anos, e seu avô Fernando, de 60.

No início da madrugada de domingo, minha conversa com um tio da estudante, no pátio do hospital, foi interrompida por gritos: o pai, um outro tio e um ou dois vizinhos saíam desesperados do interior do Souza Aguiar. Tinham acabado de saber que Fabiana morrerá. O homem com quem eu conversava correu na direção do grupo, eu me juntei aos outros jornalistas. O pai de Fabiana chorava sentado num banco, cercado pelos parentes e vizinhos. O cinegrafista e os fotógrafos registravam a cena da forma mais discreta e respeitosa possível: ninguém usou flash, nenhuma luz foi acesa. Um dos tios de Fabiana - irmão da mãe dela, parece - atravessou o pátio do hospital gritando, batendo em portões. Logo em seguida chegou a mãe da menina, acompanhada por duas outras mulheres. Ela já sabia da notícia. Chorando muito, andou a esmo pelo pátio. Depois, ela se sentou numa calçada que fica na área externa do hospital - a primeira página do "Globo" de ontem publicou esta imagem.

Alguns minutos depois, aos soluços, uma das parentes da menina, conversou

com os repórteres: não era entrevista, era mais um despejar de frases meio desconexas, que alternavam críticas à atuação da polícia com um lamento que, naquela madrugada, seria repetido como um mantra por outros que ali estavam compartilhando do mesmo drama: "Não moramos em favela porque gostamos, moramos porque não temos dinheiro para morar em outro lugar." No dia seguinte, pelo Google Maps, vi que a menina morava com os avós paternos numa rua asfaltada, urbanizada, um acesso ao morro do Telégrafo, ali na Mangueira. Muitas favelas não têm mais como crescer para cima dos morros, espalham-se então para baixo, para a parte urbanizada da cidade. Seguem uma lógica razoável: se o poder público não conseguiu levar o Estado para o morro, o morro leva a favela para o asfalto. O entorno das favelas acaba favelizado, é só ver o que aconteceu em volta do Alemão e com os prédios que ficam na subida do Dona Marta, em Botafogo.

No domingo, tive que passar pelo velório da menina. Pedimos permissão para gravar algumas imagens do lado de fora da capela, perguntei se os parentes poderiam nos ceder uma foto da menina. O tio com quem conversara na véspera foi até ao lado do caixão e retirou de um arranjo de flores uma foto de Fabiana, vestida com uma roupa de Papai Noel. Ao ver que a foto estava sendo entregue a um jornalista, a avó paterna da menina gritou e saltou na minha frente. Disse que não, que não. Que não queria a foto da neta nos jornais, na TV. Pedia desculpas, e dizia que não, que não. Procurei acalmá-la, afirmei que, claro, ela tinha todo o direito de não ceder a imagem, não, não ficava chateado - e, por favor, a senhora não precisa pedir desculpas. A avó então começou a falar da neta, a contar que ela era ótima aluna, que só tirava boas notas. Interrompia a narrativa para perguntar-se - "Como vou viver sem minha pretinha?" -, e continuava a lembrar da menina. A Fabiana, dizia, tinha muito medo de ser atingida por uma bala. Disse que ela tinha visto na TV aquelas seis mil rosas colocadas em Copacabana, uma manifestação que chamava a atenção para seis mil pessoas mortas em situações violentas: "Aí ela me disse: `Vó, eu não quero ser uma rosa daquelas.´ E hoje, moço, ela é a rosa seis mil e um."

Depois disso, só me restava fazer um último carinho na avó e sair logo da capela, não havia como gravar nada ali.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:09 0 COMENTÁRIOS  

## A bolsa da Funarte

O colega em dobro Marcelo Moutinho - é escritor e jornalista - levanta em sua página um tema importante e delicado, sobre questões que envolvem o resultado da Bolsa Funarte de Incentivo à Criação Literária. Eu não apresentei nenhum projeto, ele também não. Portanto, não estamos trabalhando em causa própria. Mas é legal discutir o assunto. Vale dar uma conferida em [www.marcelomoutinho.com.br](http://www.marcelomoutinho.com.br) . Anotem o endereço, sempre é bom passar por lá.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:45 1 COMENTÁRIOS  

17 DE DEZEMBRO DE 2007

## Páginas amarelas (1)

Publicado na "Folha de S.Paulo" em 15/01/96.

### Túlio & Têlvio

Fernando Molica

RIO DE JANEIRO - A contratação do atacante Têlvio pelo Botafogo tem a cara do Brasil. Ah, que Têlvio é esse? É o irmão gêmeo de Túlio.

Ao contrário do irmão, artilheiro do campeão brasileiro, Têlvio é dono de um currículo limitado. Foi parar no Botafogo graças a Túlio, que incluiu a contratação do irmão no pacote que impediu sua suposta venda para o Japão. Túlio agiu de acordo com uma das mais fortes tradições brasileiras: a de arrumar um emprego público para um parente. Os clubes não são repartições públicas ou empresas estatais, mas têm lá suas semelhanças. Assim como acontece com as instituições públicas, a propriedade de um clube é meio difusa.

Esses clubes são geralmente administrados de forma amadora: ao contrário do que ocorre em empresas privadas, seus dirigentes não são punidos pelos eventuais prejuízos por eles gerados.

Assim, os clubes acabam vítimas de um fenômeno semelhante ao que atinge repartições públicas ou estatais: o que deveria pertencer a todos acaba sendo considerado como não sendo de ninguém. Logo, não há nada de errado em patrocinar uma sangriazinha aqui ou ali.

Ao longo dos séculos, o Estado brasileiro foi transformado em um empregador irresponsável. Isso com o incentivo da maioria da população, ávida por um emprego público, uma colocação.

A conta do empreguismo, que era paga pela sociedade, hoje desaba também sobre os outrora beneficiados, punidos com a retração de salários e com a falta de perspectivas profissionais.

Apesar de todas as discussões sobre nepotismo e empreguismo, para muita gente político bom continua a ser aquele que garante o futuro de seus eleitores na forma de um emprego público.

Túlio brilhou no campeonato do Botafogo, agora ajuda a transformar o clube em uma Botafogobras ou, como diria o deputado Roberto Campos, uma Botafogossauro. Nenhuma novidade: na lógica nacional, empreguismo ruim é aquele que beneficia apenas aos outros.

\*

Por último: deu na Folha que 67% dos cariocas têm mais medo do que confiança na Polícia Militar. É impossível não recorrer ao apelo de Chico Buarque: "Chame o ladrão"!

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 00:26 1 COMENTÁRIOS  

MARCADORES: PÁGINAS AMARELAS

15 DE DEZEMBRO DE 2007

## Niemeyer - beleza e/ou utilidade

Em primeiro lugar, parabéns a Niemeyer, incansável produtor de beleza. É admirável vê-lo chegar aos cem anos lúcido e produtivo. Seu interesse em participar de grupos de estudos, em continuar aprendendo, chega a ser emocionante. Mas, enfim, não consigo deixar de achar - com todo o respeito - que ele é mais escultor do que arquiteto. Arquitetura é uma forma de arte, sem dúvida. Mas, diferentemente da música e da pintura e mesmo da literatura, a arquitetura não pode ser dissociada de um objetivo prático - ainda que a produção do belo não deixe de ser também algo útil e necessário. Talvez o maior desafio da arquitetura seja esse: produzir uma beleza que não entre em choque com a função de um determinado prédio, com o conforto de quem vai usá-lo ou habitá-lo. E é aí que implico com Niemeyer e com seu endeusamento (logo ele, ateu de carteirinha). É como a velha piada: o bom é morar de frente para uma casa projetada por Niemeyer, não morar nela.

Implicância minha? Talvez. Mas quem gosta de samba e frequenta o sambódromo sabe como a obra é ruim. Linda, mas ruim. Tanto que sofre sucessivas adaptações. As arquibancadas são pequenas e distanciam o público do desfile. Os intervalos entre cada um dos blocos de concreto é assustador, contribui para esfriar a apresentação das escolas. Tanto que os espaços acabaram sendo preenchidos por novas construções, que abrigam camarotes e cabines de jurados.

Para os mais novos: sabe aquele lugar das cadeiras de pista e frisas? Originalmente seria uma geral - é, Niemeyer e o saudoso Darcy Ribeiro (sujeito brilhante, mas que não entendia nada de carnaval) bolaram um lugar para as pessoas assistirem o desfile em pé! Programão, varar a madrugada de pé. Se não me engano, isso só ocorreu no primeiro ano do sambódromo; depois, os espaços foram ocupados por cadeiras.

Alguém aí já assistiu os desfiles do setor 4 das arquibancadas? É um dos piores locais do sambódromo, fica recuado em relação ao setor 2, aquele comprido, que abriga camarotes. Com o recuo, quem está ali, naquela arquibancada, fica ainda mais longe da pista. E, pior, demora mais a ver a escola chegar, seu campo de visão é menor, tem como obstáculo o minhocão de camarotes. Mas por que então foi projetado assim? Andei muito pelo sambódromo para tentar entender isso. E acho que descobri: o setor 4 foi recuado para permitir, já a partir dali, uma centralização do arco monumental que marca o fim da pista. Basta olhar da Presidente Vargas: lá de longe, o arco não fica no centro da pista. Esta centralização só ocorre nos dois últimos setores: os formados pelos blocos 4 e 11 (um em cada lado da pista) e 6 e 13 (os da Apoteose). Ou seja, em nome da beleza - a centralização do tal arco -, a visão do público foi prejudicada. Não consigo ver nisso um exemplo de boa arquitetura.

E por falar no arco: ele é muito bonito, mas atrapalha a dispersão das escolas, trata-se de um obstáculo no fim da pista. Isso, claro, sem falar na Apoteose em si, uma intervenção autoritária na lógica linear dos desfiles bolada pelo Darcy Ribeiro: ele queria que, no fim dos desfiles, cada escola evoluísse como num baile de carnaval, "uma cobra procurando o próprio rabo" - costumava



dizer. Foi outra novidade que acabou abandonada pelas escolas por ser incompatível com o espetáculo. Resultado: mais cadeiras para tapar aquele latifúndio até as arquibancas. Na Apoteose, as arquibancadas ficam ainda mais longe da pista.

Resultado: o sambódromo ficou pequeno (as maiores arquibancadas são as piores - setores 1, 6 e 13) e não acabou completamente com o monta-desmonta. Todo ano a Passarela do Samba tem que ser adaptada para o desfile, com a colocação de estruturas metálicas que suportam cadeiras de pistas e frisas. Faltou ali algo fundamental, a humildade do arquiteto diante da função de sua obra. O resultado é muito bonito, mas pouco prático. É só perguntar pra qualquer sambista.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 10:39 1 COMENTÁRIOS  

14 DE DEZEMBRO DE 2007

## Dialética dos "inhos"

Ao dar uma olhada no arquivo do antigo quase-blog vi um post sobre "inhos". Um post, acreditem, favorável aos "inhos" - aos "inhos" da seleção brasileira que então disputava a Copa da Alemanha: Juninho, Cicinho, Robinho. Hoje, falar em "inho" é falar naqueles policiais presos por supostas ligações com bicheiros. Bem, no post eu dizia: "Que venham os *inhos*." Que fique claro, eu tratava dos jogadores da seleção.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:01 0 COMENTÁRIOS  

## No canto da cabina

Tem alguém aí? Bem, eu estou aqui. De volta após quase um ano de ausência. Volto de cara nova - até com uma cara, aí à direita, ó. É uma foto da última Bienal do Livro, aqui no Rio. Bem, já que citei a Bienal, recomeço com o trecho de um livro. Uma frase tirada do belíssimo "Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra", do Mia Couto (ele esteve aqui na última Flip, participou de um debate com o Antônio Torres). A frase é tão bonita que deixei marcada a página onde ela está publicada, logo no início do livro: é a 18. Esse trecho do livro, editado pela Companhia das Letras, relata a volta do personagem principal para a ilha em que nascera, em Moçambique. O sujeito estava triste, angustiado, sem saber o que encontraria por lá - fora chamado para o enterro do avô. E o Mia Couto traduz esse sentimento com uma frase espetacular: "Entro na cabina do barco e sozinho-me num canto." Bonito pacas, né?

Enfim, ao som da prosa do Mia Couto tento recomeçar este blog, que volta de nome e cara novos. O nome é uma referência ao título do romance que lançarei em abril pela Record: "O ponto da partida". Que eu não fique sozinho, no blog e no livro.



POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:19 3 COMENTÁRIOS  

8 DE DEZEMBRO DE 2006

## Parabéns pra você, Fogão, pelos seus aniversários!

Hoje, 8 de dezembro, é dia do aniversário do Botafogo. Melhor, dia de *um dos* aniversários do Botafogo. No caso, do Botafogo de Futebol e Regatas, fundado em 1942, resultado da fusão do Botafogo, um clube de regatas, com o Botafogo, um clube de futebol. Parece engraçado, mas temos três aniversários, três datas para comemarmos, três dias para envelhecermos. Em 2004 comemoramos nosso primeiro centenário, certo? Errado. Há dois anos comemoramos nosso *segundo* centenário. Nosso primeiro centenário foi comemorado em 1994 - tenho um selo dos Correios que prova a efeméride. Explico: em 1894 foi criado o Club de Regatas Botafogo; em 1904, o Botafogo Football Club e, em 1942, em 8 de dezembro, o Botafogo de Futebol e Regatas, resultado da fusão dos outros dois. Uma fusão apressada por uma tragédia: a morte de um jogador num jogo de basquete entre as duas equipes. Um clube era de regatas; o outro, de futebol, mas se fundiram em conseqüência de um jogo de basquete: nada é simples, eu disse! O nome do jogador era Armando Albano, atleta do Football. Ele morreu na quadra, e desta morte nasceu o Botafogo de Futebol e Regatas. Nascemos, portanto, de uma tragédia, como se nossa mãe tivesse morrido no parto. Podem chorar, a história é triste e bonita pacas. Enfim: daqui a 36 anos estaremos comemorando nosso terceiro centenário, isto, com 148 anos de história. Envelhecer 300 anos em 148 não é para qualquer um, chega a ser assustador. Parece história do Malba Tahan, aquele homem que calculava. Pra quem acredita: somos regidos por três signos: Câncer (1o. de julho, Regatas); Leão (12 de agosto, Football) e Sagitário (8 de dezembro, BFR). Três signos, repito. Fora os ascendentes e fora a Estrela, a solitária. Depois disso tudo, vocês acham que é simples torcer pelo Botafogo?

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:49 0 COMENTÁRIOS  

12 DE SETEMBRO DE 2006

## Nós, os *alemão*

Preocupados que estamos com a violência que se expressa nas armas de fogo empunhadas pelos nossos, digamos, inimigos de classe - os bandidos que nos assaltam e ameaçam nossas vidas -, nos esquecemos de outro adversário, aquele que cultivamos em nossas casas, em nossas famílias, em nós mesmos. Somos, de um modo geral, na prática, defensores de uma cultura da morte, do desrespeito. Vivemos em uma sociedade que volta e meia protesta contra radares de controle de velocidade, que elege irresponsáveis que se candidatam vociferando contra uma suposta indústria das multas. Chegamos ao cúmulo de instituir nos túneis e auto-estradas, avisos que alertam que é hora de diminuir a velocidade porque estamos a nos aproximar do radar. Pois,

como diriam aqueles nossos antepassados europeus (que devem rir muito dessa nossa prática).

Temos uma legislação que nos desobriga da submissão ao bafômetro; nos orgulhamos de poder dar aos nossos filhos carros cada vez mais potentes e, se possível, blindados - assim escaparão dos bandidos. Fingimos não ver que esses filhos, aos 15/16 anos, freqüentam lugares proibidos para menores de idade, locais onde quase todos consumirão bebidas alcóolicas - o dono da boate é um dos nossos, um cara legal. Mais ainda: nas festas de adolescentes é comum que seus pais patrocinem a distribuição das tais bebidas. Alguém aí já viu um garçom recusar bebida a um adolescente em uma dessas festas de debutantes?

Depois de uma tragédia como a da Lagoa, que machuca a todos, é fundamental respeitar a dor de quem perdeu seus filhos assim como é necessário tentar evitar outros acidentes como aquele. Falamos todos na importância de dar limites aos jovens, esses adoráveis rebeldes. Mas quem é que vai dar limites aos pais, a cada um de nós? Quem vai limitar o sujeito que pára o carro na calçada, que, no Rebouças, pisa no freio metros antes do radar, que sabe de cor todos os pontos em que há pardais na Linha Vermelha? Quem vai dizer para um pai de família que ele não deve ir de carro para o bar ou para o restaurante locais onde possivelmente irá encher a cara? Quem é que vai dar voz de prisão para o dono da boate que permite a entrada de menores e que a eles vende bebida alcóolica?

Alguns outros países já responderam a essas perguntas. O Estado cumpre as desagradáveis tarefas listadas aí em cima. É ele que adverte, multa, pune e prende. E não faz isso porque é chato, mau, desagradável, estraga-prazeres. Faz isso em nome da sociedade que o criou e o sustenta. Uma sociedade consciente da necessidade de um ente que, que forma impessoal, a preserve e a proteja. Proteja-a, às vezes, de si própria. Muitas vezes precisamos de quem nos proteja de nossos excessos e evite que prejudiquemos outras pessoas. Nem sempre somos tão corretos, tão racionais. Nem sempre fazemos o que escrevemos.

Por alguma razão que o Roberto Da Matta poderá tentar explicar, desenvolvemos uma relação curiosa com o Estado que, a todo dia, sustentamos com nossos impostos. Algo como: adverta, puna e prenda - os outros. Não admitimos ser fiscalizados, alertados, multados. "Vá prender bandidos!" - que guarda de trânsito já não ouviu esta frase? Aquele que não a ouviu deve ter recebido uma pergunta. Algo como: "Não dá pra resolvermos isso de outra forma?" O engraçado é que tendemos a classificar de corrupto apenas o policial que se vende, não o motorista que o compra. Como em outras relações, há aqui a figura do ativo e do passivo, ambos cúmplices, elementos essenciais para a realização de um determinado ato. Um depende do outro.

Angustiadados com o inimigo externo, nos esquecemos do quanto somos cúmplices e promotores de um outro tipo de violência. Uma violência que, em determinados universos, deve matar e ferir muito mais do que aquela outra, banalizada pelos tiros de armas alheias. Ao longo de alguns séculos construímos uma sociedade violenta, excludente, e só sabemos culpar os feios, sujos e malvados, como no filme de Ettore Scola. Nos acostumamos tanto a desrespeitar o outro que acabamos criando condições ideais para o auto-extermínio. Ninguém - nem o Estado, nem a família - pode nos limitar,

nos multar, nos punir. Fomos tão radicais na busca dessa impunidade que hoje não sabemos mais sequer proteger nossos filhos. Conquistamos o direito de nos matarmos e de dormirmos assustados com o ruído de cada freada que invade nossas noites.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 10:22 0 COMENTÁRIOS  

3 DE SETEMBRO DE 2006

## A grande cena

É uma daquelas cenas que valem o ingresso. Aquela raro momento em que o implícito vale mais que o explícito, que o escancarado. Lembra uma outra, igualmente delicada, de "Eles não usam black-tie" - em um determinado momento da crise gerada pelo movimento grevista, os personagens de Gianfrancesco Guarnieri e Fernanda Montenegro catam feijões na cozinha. Não há discurso, não há - ou quase não há - diálogos. Há apenas perplexidade, dúvida, angústia. Há, enfim, cinema, muito cinema. O melhor cinema daquele filme de Leon Hirzman. A cena de agora é de "Zuzu Angel", de Sérgio Rezende. Um bom e mesmo emocionante thriller, prejudicado, aqui e ali, por cenas em que há pouco cinema e um excesso de verbosidade. Mas, enfim, a cena: logo depois do assassinato de seu filho, Zuzu Angel, incorporada por Patrícia Pillar, sobe uma ladeira em busca do pai de Carlos Lamarca, o líder guerrilheiro cujo endereço Stuart Angel se negara a revelar sob tortura. Recusa que lhe valera uma dose-extra de torturas e que lhe causaria a morte. Zuzu entra numa sapataria e encontra um velho - Nelson Dantas, brilhante - a trabalhar. Zuzu fala e fala: fala que seu filho morrera para proteger o filho daquele homem ali. Em nenhum momento cita o nome de Lamarca, o oficial do Exército que desertara para aderir à luta armada. O velho parece impassível, ouve o discurso daquela mulher enquanto continua a trabalhar. Trabalho que envolve alojar alguns pregos entre os lábios - uma técnica dos sapateiros para facilitar o seu ofício. Mãos e boca ocupadas, o velho ouve a cantilena daquela mulher. Parece não ouvir o que ela diz; melhor, parece ouvir mas não entender bem o que ela fala, parece ter uma certa postura olímpica, distante. Algo como quem é essa louca que vem me falar em filho quando eu também, de certa forma, perdi o meu, eu que nem sei onde ele está, ele que é um dos homens mais caçados do país? Dantas olha para a mulher, para o pé de sapato que conserta; martela o sapato, coloca e tira pregos nos lábios. Até que algo rouba a atenção daquela mulher. Ela que, até então, limitava-se a despejar seu rancor sobre o velho, percebe enfim o quanto de dor - calada, sufocada - havia naquele homem mudo. De seus lábios saía um filete de sangue, sangue que brotava de uma ferida causada pela pressão exercida pelos lábios sobre aqueles pregos. Cada palavra de Zuzu fora como uma martelada na alma, na boca do pai de Lamarca; pancadas cuja força enfim se revelava naquele filete de sangue. Uma dor que revela uma outra forma de tortura, uma dor cruel, sem sentido, que desnuda a impotência de quem a causa e de quem a sente. Uma dor bumerangue, pregos que agora atingem quem, até há pouco, despejava tantas e tantas dores. Uma dor não-óbvia, difícil de detectar e, principalmente, mostrar. Uma dor que só um grande filme - ou um grande

livro, ou um grande quadro - pode revelar. "Zuzu Angel" não chega a ser um grande filme, mas abriga uma grande cena, digna do melhor cinema, de dois grandes atores, de sensíveis roteiristas e diretor. A cena que nos faz cúmplices daquelas tantas dores, dores que passam a doer também em todos nós.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 13:00 0 COMENTÁRIOS  

21 DE AGOSTO DE 2006

## Heil Riverside!

"Lugar de brasileiro é na favela", "Escória", "Fora latinos". As frases foram exibidas ontem por cidadãos norte-americanos durante um protesto em Riverside, uma cidadezinha de 8.500 habitantes que fica a 170 km de Nova York. Lá, informa a "Folha" de hoje, desde 26 de julho é crime dar emprego a imigrantes ilegais - só de brasileiros, havia uns 2 mil por lá. As ofensas doem, nos machucam. Não estávamos acostumados a esse tipo de tratamento - também não estávamos acostumados a exportar gente, antigamente éramos importadores de mão-de-obra, destino de muitos sonhos. Hoje exportamos jogadores de futebol, putas, travestis, doutores e trabalhadores braçais - o paraíso fica longe daqui.

Deixando um pouco de lado nossas mazelas, não deixa de ser chocante como a humanidade não aprende, como a idiotice nos fascina. Milicianos de Riverside - a boa e pacata gente de Riverside, alguma rádio local deve falar isso -, catam brazucas nas ruas, armados de espingardas e bastões de beisebol. Lembra um pouco a porradaria contra os negros, há alguns anos, lá mesmo nos EUA, não? Lembra também - por que não? - a perseguição a judeus, homossexuais, ciganos durante o nazismo. Talvez no lugar da estrela amarela e do triângulo rosa nossos patrícios tenham que andar com um distintivo em forma de tamborim nas ruas destas cidadezinhas dos Estados Unidos.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 09:45 0 COMENTÁRIOS  

15 DE AGOSTO DE 2006

## Criminalidade

O presidente Lula daria uma boa demonstração de combate ao crime se escolhesse melhor com quem sai nas fotos. Essa que saiu na capa do Globo de hoje, meu Deus. O Márcio Thomaz Bastos tá com cara de quem quer gritar "Teje preso" para um de seus companheiros de mesa. Grita, ministro, grita.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 09:31 0 COMENTÁRIOS  

11 DE AGOSTO DE 2006

## Ato falho

### Gol anulado

*João Bosco/Aldir Blanc*

Quando você gritou mengo  
no segundo gol do Zico  
tirei sem pensar o cinto  
e bati até cansar.  
Três anos vivendo juntos  
e eu sempre disse contente:  
minha preta é uma rainha  
porque não teme o batente,  
se garante na cozinha  
e ainda é Vasco doente.  
Daquele gol até hoje  
o meu rádio está desligado  
como se irradiasse  
o silêncio do amor terminado.  
Eu aprendi que a alegria  
de quem está apaixonado  
é como a falsa euforia  
de um gol anulado.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:16 0 COMENTÁRIOS  

## Resumo

Luiz Inácio admitiu:

1. seu governo combateu a ética;
2. os salários caíram;
3. o, como diria o Ivan Lessa, Bananão é grande pacas.

(Contava-se, antigamente, uma piada sobre o Costa e Silva, aquele do AI-5 e que tinha fama de ser pouco astuto. Certa vez ele estava num avião, sobrevoando o território nacional. Alguém então disse: "Presidente, estamos a nove mil metros de altura". Impressionado, o general comentou: "Sabia que o Brasil era grande, mas não sabia que era tão alto".)

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:58 0 COMENTÁRIOS  

7 DE AGOSTO DE 2006

## Sempre free

Free shop na entrada é coisa nossa. Quase exclusivamente nossa. De um modo geral, as lojas duty free ficam na saída de um país, na hora em que o sujeito vai embora. Mas, enfim, somos originais e benevolentes na hora de dar vantagens a quem já tem vantagens. Quem, por alguma razão, consegue viajar para o exterior, merece um carinho extra, o direito de comprar produtos essenciais como bebidas e cosméticos sem pagar impostos. Além dos 500 dólares em compras que pode trazer do exterior, o viajante pode gastar outros 500 ao chegar. O privilégio justificado: dizia-se que era uma maneira de segurar por aqui os dólares que iriam para o exterior. Depois, os caras passaram a aceitar cartões de crédito, dólares apenas virtuais. Agora o real passará a ser aceito e ninguém deu desculpa nenhuma. No fundo, a desculpa é a de sempre: manter o privilégio de quem sempre foi privilegiado. Free, sempre free.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 00:12 0 COMENTÁRIOS  

25 DE JULHO DE 2006

## Dunga

Ainda a seleção. Todos os comentários a respeito da convocação de Dunga para o comando da seleção falam em cobrança de raça, de espírito de luta, de garra. Ninguém fala muito em futebol, em estilo de jogo, em esquema tático. Fica a pergunta: se é pra isso, por que não chamar para técnico o, digamos, comandante do Bope?

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:00 5 COMENTÁRIOS  

1 DE JULHO DE 2006

## Zidane

Os deuses são justos. Zinedine Zidane, que não posa de foca amestrada em comercial de banco, que não faz malabarismo pra cinegrafista, que joga o bom jogo, fez barba, cabelo, bigode; Zidane nos depilou, nos aplicou uma brazilian wax. Parabéns, Zidane.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 18:11 0 COMENTÁRIOS  

## Antiguidade é posto

Posto que nos ferramos. Né, Cafu? Né, Roberto Carlos?

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 17:56 0 COMENTÁRIOS  



30 DE JUNHO DE 2006

## Los Hermanos

Até que tentei torcer contra a Alemanha - o que implicava em torcer pela Argentina. Achava, e acho, que seria mais fácil derrotar os vizinhos numa eventual final. Até que, no segundo tempo, o ótimo Maxi Rodríguez resolveu mostrar a força da vocação argentina: simulou uma falta, se jogou no gramado, tudo para ganhar tempo e tentar impedir uma reação alemã. A velha e irritante catimba argentina. Os caras não se convencem que têm futebol suficiente para ganhar sem apelar para esse recurso. Bem-feito, tomaram um gol, perderam nos pênaltis. Comemorei cada gol alemão.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 16:36 0 COMENTÁRIOS  

29 DE JUNHO DE 2006

## A perfeição é amarela

Caros jogadores da seleção brasileira. Acho que a essa hora vocês devem estar se perguntando algo como "caramba, quatro jogos, quatro vitórias, recordes coletivos e pessoais batidos, e os caras ainda reclamam?" Pois é, nós ainda reclamamos - eu mesmo tenho xingado alguns de vocês. Creio não ser o caso de pedir desculpas pelo destempero, pelo excesso de exigência: jogar bem, dar espetáculo, não falhar, e, claro, ganhar sempre e conquistar o hexa. Talvez seja melhor tentar entender o que nos faz assim.

Com nossos clubes de coração não somos tão exigentes. De alguma forma aprendemos a absorver algumas das características de nossos times, a considerar como nossas qualidades e, vá lá, alguns defeitos dessa nossa paixão primordial, a única que não pode ser trocada, que admite todo o tipo de desfeita e traição - o amor por um clube é eterno e sempre dura. Como escreveu Paulo Mendes Campos: "Nos meus torneios, quando mais preciso manter os números do placar, bobeio num lance, faço gol contra, comprometo, tal qual o Botafogo, uma difícil campanha". É ele também que diz: "O Botafogo, às vezes, se maltrata, como eu; o Botafogo é meio boêmio, como eu; (...) o Botafogo é mais surpreendente do que conseqüente, como eu (...)".

Há quase dez anos a jornalista Cláudia Mattos lançou "Cem anos de paixão", livro em que tenta rastrear o que há por trás das relações entre os quatro principais times cariocas e suas torcidas. Acabou fazendo um livro sobre o Rio, tamanha a identificação entre a cidade, seus clubes e seus apaixonados torcedores. De alguma forma, todos somos ou achamos que somos parecidos com nossos clubes, para o bem e para o mal.

Mas com a seleção é diferente. Com a seleção, nossa relação é outra. Com os clubes, somos o que somos, com a seleção, somos aquilo que desejamos ser: bonitos, elegantes, eficientes, eternamente vencedores. O time é como um amor cotidiano, apaixonado, mas com cara de dia-a-dia. Daqueles que admitem uma ausência, uma falha, uma camisa meio desbotada, uma barriguinha, uma celulite, uma noite de amor assim-assim. De vez quando, um

dia dos namorados, um aniversário, rola um jogo especial, um jantar com vinho, uma viagem, uma decisão de campeonato (gloriosa, mesmo que contra o Madureira). Seleção é diferente. Seleção, ainda mais em Copa do Mundo, é sempre dia de festa, de roupas novas, Copacabana Palace, corpo malhado, performances impecáveis em noites cheias de gols de placa.

No clube, erguemos as mãos aos céus para agradecer o amor que sabemos merecer - ainda que o goleiro seja meio frangueiro; a zaga, inconfiável; o meio-campo, pouco criativo; o ataque, sonolento. No Maracanã de cada dia, admitimos o gol de canela, o chutão, não nos envergonhamos do erro do juiz que nos ajuda. Sabemos que seria impossível cobrar perfeição de nossos times, de nós mesmos. Perfeição não é para todo dia, só acontece de vez em quando; para ser exato, de quatro em quatro anos. É quando temos chance de reafirmar que somos os melhores. Na seleção não cabe todo mundo, não é para qualquer um: nenhum jogador do Rio foi convocado mas torcida alguma reclamou, sabemos das nossas limitações. Nesse nosso olimpo canarinho, os deuses têm que ser perfeitos. Na seleção, fazemos restrição a gol de bico - mesmo que ele seja salvador, como o do Ronaldo, na Copa passada, contra a Turquia. Na seleção não se pode dar cotovelada, Leonardo; não se perde pênalti, Zico. A condenação à falha pode ser perpétua, como a que experimentou Barbosa.

Então, meus caros, entendam que não é bem de vocês que estamos cobrando tanto. Estamos cobrando de nós mesmos, uma cobrança cruel, absurda, irracional, que nos levaria ao suicídio coletivo caso exigida no cotidiano. Por favor, compreendam: vocês, queiram ou não queiram, são o que temos e somos de melhor. E não fica bem, Ronaldo, aparecer em público com aquela barriga; não dá, Roberto Carlos, para mandar a bola para a arquibanca; é ridículo errar o drible e simular pênalti, Adriano; Ronaldinho, você tem que ser genial sempre; Cafu, não é admissível envelhecer. É desumano pedir tanto? É claro que é. Por isso que a gente só pede de quatro em quatro anos, quando todos ficamos infalíveis, bonitos, imbatíveis; é por isso nunca ficamos satisfeitos. Nosso desejo de perfeição veste amarelo.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 15:21 0 COMENTÁRIOS  

22 DE JUNHO DE 2006

## Coisas da vida, Zico

Leio no blog do Tiago Petrik - [www.nominimo.com.br](http://www.nominimo.com.br) - que o Zico, em uma conversa com ele, reclamou de tudo ao justificar a até aqui lamentável campanha do seu time: falou dos juízes, da falta de 'camisa' do Japão, do horário do jogos, da Fifa (não se referiu ao excesso de pólen no ar alemão, deve ter guardado isso para a próxima entrevista). Com todo o respeito pelo ex-jogador: a vida é assim, meio injusta. Por isso que gostamos tanto de futebol, um esporte em que nem sempre o melhor vence. As zebras ocorrem muito mais no futebol do que em outros esportes; na vida também é assim. Chororô pega mal, principalmente para um cara que teve uma carreira vitoriosa, pelo menos naquele time da Gávea. Nem sempre juízes erram de forma consciente, proposital. Eles também erram por errar, como jogadores

de futebol, como médicos, como jornalistas. Insinuar que a Fifa não tem interesse no mercado japonês é risível. Em 78, 82 e 86 todos torcemos para o Zico repetir na seleção o futebol que jogava com a camisa rubro-negra. Ele teve alguns bons momentos em 82 e, mesmo, em 86 (aquele belíssimo passe para o Branco, no jogo contra a França). Mas não foi o Zico que esperávamos ver. É da vida: Fontana, Dario e Gilmar (terceiro goleiro em 94) foram campeões do mundo; Zizinho, Zico e Falcão, não. E vida que segue, como diria o botafoguense João Saldanha - o mesmo que afirmava: quem reclama, já perdeu.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 13:08 0 COMENTÁRIOS  

16 DE JUNHO DE 2006

## Ninguém merece (2)

Ainda sobre pressões: o Pelé foi e é mais sábio. Sempre demonstrou que nunca acreditou muito nessa história de ser o Pelé. Separava Édson de Pelé e, até hoje, se refere a este na terceira pessoa. O Pelé era o outro. Ninguém - ele sabia e sabe - poderia carregar o peso de ser Pelé. O cara é rei, até por isso.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:59 0 COMENTÁRIOS  

## Inhos

Robinho, Ronaldinho, Juninho, Cicinho: que venham os inhos!

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:05 0 COMENTÁRIOS  

## Saravá!

O físico arredondado, a cara gorducha, aqueles balangandãs no pescoço... O Maradona não tá a cara de pai-de-santo de subúrbio?

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 10:56 0 COMENTÁRIOS  

## Ninguém merece

Ronaldo disse que ninguém merece tanta pressão, uma pressão que classificou de enorme. Com todo o respeito, carinho a admiração pelo maior jogador da Copa de 2002: como assim? Ele não é *ninguém*, um reles ponta-esquerda de um time de subúrbio. Ele é o cara, o Fenômeno, já eleito o melhor do mundo, arrendatário dos passes de algumas das mais desejadas mulheres do planeta, dono de uma conta bancária que só faz crescer. Será que ele achava que tudo isso viria de graça, sem pressão? Como dizia o velho Fernando Bueno, ex-fotógrafo da sucursal do Estádio no Rio: há bônus e ônus. No caso do Bueno, estes costumavam vencer aqueles de goleada; já no caso do Ronaldo, acredito

que a ordem seja inversa. Nosso atacante já deu provas de talento e de superação, aquela história do joelho partido e a consagração na final da Copa é quase inacreditável, parece roteiro de filme bobo americano. Mas aconteceu, né? Ronaldo, pelo visto, passou a acreditar demais nos sonhos midiáticos vendidos para quem, nos estádios, fica apenas nas arquibancadas. Acreditou tanto neles que não notou que a barriga crescera, que a velocidade diminuía. Barrigas só não crescem nos super-heróis dos filmes, dos quadrinhos. Nós, do lado de cá, até podemos acreditar nesses heróis; vocês, protagonistas, não. Se vocês falham, a gente pode trocar de herói, já vocês se arriscam a trocar de papel: sai o Super-Homem, entra o barrigudo patético e decadente de "Os Incríveis".

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 09:39 0 COMENTÁRIOS  

9 DE JUNHO DE 2006

## A grande Copa

A festa da abertura da Copa estava assim meio assim-assim. Meio brega demais, um pouco com cara de oktoberfest. Negócio meio chinfrim, bom para reforçar o estereótipo que opõe alemães e festa. Até que começou o desfile dos ex-campeões do mundo: Jairzinho, Paulo César, Bellini, Roberto Miranda, Félix - feliz, feliz, em cadeira de rodas -, Clodoaldo. Melhor, e para sempre: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino. Cito, claro, de memória, já tinha nove anos na Copa de 70, a maior de todas. Minha primeira Copa, meu primeiro campeonato do mundo (com um time cheio de botafoguenses). Minha infância desfilou hoje em Munique, foi bonito pacas.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:20 0 COMENTÁRIOS  

6 DE JUNHO DE 2006

## Vento suburbano

A perda dos referenciais de uma cidade talvez seja uma das conseqüências mais terríveis da evolução dos tempos. Uma sorveteria que se foi, uma praça que não existe mais, o frapê de coco do finado Simpatia que até hoje provoca suspiros no Joaquim Ferreira dos Santos. São esses marcos - alguns muito delicados, como o vento que corre entre os pilotis do prédio do MEC - que nos dão uma sensação de intimidade e de segurança: a certeza de poder marcar um encontro na estátua do Bellini sabendo que a estátua do Bellini vai estar ali. São esses marcos, muitas vezes únicos, pessoais, intransferíveis, que fazem com que consideremos uma cidade como nossa. No sábado passado tomei fôlego para uma incursão que deveria ser banal, o aniversário de uma prima me levou a uma região do subúrbio carioca muito próxima àquela em que nasci e me criei. Fui cedo com a promessa de não sair tarde, meu deadline seria às 21h. Na ida e na volta passei por ruas e avenidas conhecidas

desde que me entendo por gente: Suburbana, 24 de Maio, José Bonifácio, Marechal Rondon. Endereços que, nas noites de hoje, chegam como ameaça - assaltos, tiros, mortes. As ruas estão lá, algumas referências - as estações de trem, o viaduto do Méier, a prima, as tias - também. Mas o vento que agora sopra por ali é outro. Ameaça e constringe alguém que sente medo em circular por uma região em que cresceu. É quase um sentimento de traição, como uma negação ao que se é; algo que chega a envergonhar. Sozinho no carro, respirei aliviado apenas por volta das 21h30, quando cheguei à praça da Bandeira, faltava só atravessar o elevador (onde, há uns quatro meses, testemunhei um assalto) e o túnel. Fantasmas vencidos, estava em casa. No dia seguinte, vi a notícia do assassinato do Rodrigo Netto, dos Detonautas. Morador da Fonte da Saudade (quase vizinho), fora à Cascadura visitar uma tia (quase vizinha às minhas tias). Ficou pelo caminho, na Marechal Rondon, aquela mesma que eu, menos de 24 horas antes, cruzara preocupado, com o pé fazendo peso no acelerador e os olhos atentos para a chegada de um possível inimigo.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 08:58 0 COMENTÁRIOS  

2 DE JUNHO DE 2006

## Tim Lopes

Hoje faz quatro anos que o Tim foi assassinado numa dessas nossas ribanceiras/nação (não dá para, mais uma vez, deixar de citar o Chico). E tome Chico: fogueira desvairada, cidadãos inteiramente loucos, bandeiras sem explicação, fronteiras, munição pesada. Na segunda-feira, menos de 24 horas depois do assassinato, um amigo comum, o Frei David, me contou: nosso irmãozinho foi morto. Fora descoberto, preso, torturado, queimado. O assassinato do Tim foi também um golpe mortal - mais um, esse poço parece não ter fundo - na possibilidade de construção de uma cidade. Antes, e acima de tudo, o Tim acreditava em pontes, em ligações entre nossas cidades partidas. Ele personificava esta ponte, bem recebido que era em favelas e em Ipanema, cheio de amigos e de - ex!, ex! - namoradas por toda a cidade. Gaúcho do morro da Mangueira, mulato carioca, sangue/suingue pra lá de bom. Mais do que repórter investigativo, era repórter solidário, empenhado em fertilizar ligações, estabelecer contatos. Seu assassinato foi também o assassinato de uma cidade possível, menos excludente, do Leme ao fundo de quintal. Na praia de domingo, a matéria do Tim não era o nosso óbvio biquini-sorvete-apito. Ele via o vendedor de sorvete, o sujeito do mate, o cara do biscoito Globo. Na briga, tomava o lugar de quem apanhava, não do que batia. Suas matérias, no JB, no Repórter, na Globo, tratam, principalmente, de injustiças sociais, violência policial, dos dramas e sonhos de gente pobre. Nada o deixava mais feliz do que botar no ar uma história de alguém que contava como conseguira superar as dificuldades impostas pela vida. Era como se ele recontasse a própria história. Anjo no nome, morreu como o padroeiro: flechado, furado, rasgado, queimado. Crivado, clareai nossa visão.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 00:13 0 COMENTÁRIOS  

31 DE MAIO DE 2006

## Fora do mapa

Recebi ontem o recém-parido "Almanaque anos 70", na Ana Maria Bahiana, uma bela publicação da Ediouro. Sou de 61, portanto, vivi minha adolescência nos anos 70. Esse é o "meu" almanaque, certo? Errado. Melhor: nele eu descobri que, adolescente suburbano (Piedade e Méier), existo na memória que se forja oficial apenas como um ser midiático. Novelas (Casarão, Gabriela, Estúpido Cupido), programas de TV (Chico City, Satiricom, Globo Cor Especial), jingles, filmes (Bergman, Woody Allen, Kubrick - Barry Lyndon!), shows, Chico, Beatles, Caetano, e, vá lá, peças (Trate-me leão, claro). Havia também as copas do mundo, os crimes nos jornais (Doca Street, Van-Lou, Cláudia Lessin). Pelo Almanaque descubro que os meus anos 70 reconhecidos como tal foram aqueles que pude compartilhar pelos meios de comunicação ("de massa", como então se dizia). No mais, eu não existi. Não tomei o sorvete do Moraes, não comi o sanduíche do Gordon, não frequentei o pier, não comprei nada na galeria River (River, para mim, era nome de um clube em Piedade, o Zico jogou futebol de salão por lá; criança, fui levado a alguns de seus bailes de carnaval e, bem depois, no fim dos setenta, cheguei a aparecer, vez ou outra, nas discotecas que rolavam nas noites de domingo). Folheio o almanaque, e nada sobre o River. Nada também sobre os blocos que passavam pela avenida Suburbana, sobre os filmes de sacanagem que a gente ia ver no Ridan, em Pílares (que depois virou Sambola). E o Bruni Piedade? Boas poltronas, cortina de veludo que protegia a tela - este virou igreja, mas isso não é contado em nenhum almanaque. Pelo que vi, não há nenhuma linha sobre o Mackenzie, o grande clube do Méier - vi um show da Gal Costa lá, na quadra de esportes. O Johnnhy Mathis também cantou ali, Dias da Cruz, quase esquina da Pedro de Carvalho (também se apresentou no Tem-Tudo de Madureira). Tudo isso por lá - lá que não figura no mapa, como diz o Chico (ele notou que, em boa parte dos mapas do Rio vendidos por aí, os subúrbios sequer são mostrados). Meus anos 70 também ficaram fora do mapa.

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 12:13 0 COMENTÁRIOS  

23 DE MAIO DE 2006

## Bandeiradas

"Normalmente é no banco de trás. O banco é rebatível, sabe? Fica feito uma cama. Mas, de vez em quando, na pressa, é aqui na frente mesmo. Nesse banco aí que você tá sentado."

"Ahã", devo ter feito, enquanto conferia de maneira exagerada e caricatural o estado do assento, do banco do carona. "Aqui tá tudo limpinho, né, companheiro?", brinquei: "Pelo visto tá tudo seco...".

O sujeito pareceu gostar da brincadeira. Ficou mais à vontade para prosseguir no relato de suas aventuras sexuais no táxi.

"Ali atrás - fez, com uma ligeira virada de rosto, uma referência à mala do carro - tenho tudo que precisa. Lençol, travesseiro, camisinha..."



Mas, e a violência, os assaltos? Não seria complicado namorar no carro hoje em dia? Onde é que ele parava o táxi?

Havia alguns locais. Mas o preferido era um depósito de material de construção, lá perto de sua casa, em Nova Iguaçu. Estacionava bem atrás de um monte de areia.

As, digamos, passageiras eram fixas?

Variava, eu deveria saber. A namorada mesmo não gostava tanto dos malabarismos no táxi. Cliente de carteirinha mesmo era a filha de uma vizinha, 16 aninhos de pura sacanagem. Mal podia ver o táxi passar pela rua. "Só as duas?"

Ele fez um ar de cansaço, de quem anda rodando mais do que o razoável. Aquele jeito de quem diz isso-aqui-ainda-acaba-comigo.

"Que nada. Parece até que elas adivinham, que fazem sinal de propósito. Fingem que querem o táxi, mas ficam mesmo de olho no kit que tem lá na mala."

POSTADO POR FERNANDO MOLICA ÀS 11:35 0 COMENTÁRIOS  

22 DE MAIO DE 2006

## Naicetomitiu

fernando molica

"O que quer dizer 'naicetomitiu'?". A corrida no táxi estava quase acabando, mas o motorista insistia em tentar descobrir o que o gringo que me antecederia em seu carro dissera para ele. Naicetomitiu.

"Ele, pelo visto, gostou do seu trabalho. 'Nice to meet you' é uma forma de agradecimento, uma maneira de dizer que ficou feliz em conhecê-lo."

Ah, bom. Pensou que fosse alguma sacanagem, língua de gringo, sabe como é que é.

Fica tranqüilo, foi um elogio.

"Conheço algumas palavras em inglês. Thank you, good morning. Mas nunca tinha ouvido o naicetomitiu. Quer dizer que ele gostou do meu serviço?" - o taxista demonstrava não confiar muito no agradecimento do gringo nem na minha capacidade de traduzi-lo (neste ponto, sua dúvida fazia sentido).

"Já falei, amigo - disse enquanto pagava a corrida. - Foi um elogio. Você é um bom motorista."

"Tá bom, OK. Mas...(eu já tinha colocado meio corpo pra fora do táxi, mas havia uma outra questão, urgente, pelo visto, a ser resolvida)...o que quer dizer ropetosiuagueim?"